

caderno 3

DISSOLUÇÕES

No Caderno 1, junto aos objetivos propostos, trouxe as teorias – história, escrita de si, autoeducação. Nos três, a percepção de temáticas comuns: identidade, linguagem, autoria e escrita, cada uma discutida a partir dos diferentes vieses teóricos. Depois, no Caderno 2, constitui um território de individualidades, trazendo os afetos surgidos nos encontros, eu e elas, nas entrevistas; eu e a pesquisa, nos diários; e nós, eu, elas e a pesquisa, nas rodas. Este último Caderno 3 é onde está contido o relatório ou onde estão as análises – a dissolução. De acordo com o dicionário Oxford, a palavra *análise* tem sua origem em *análisis*, relacionada à dissolução ou método de resolução. Já a palavra dissolução tem significados muito interessantes, os quais dialogam com esse trabalho:

1. ato ou efeito de dissolver(-se). [...] 2. decomposição, desagregação. [...] 3. FIGURADO (SENTIDO) FIGURADAMENTE deterioração de costumes; devassidão, imoralidade. 4. extinção de entidade, sociedade etc. [...] 5. ruptura legal de um contrato etc.; anulação, distrato. [...] 6. QUÍMICA dispersão de um soluto em um solvente, formando uma solução.

Neste Caderno 3, as individualidades dissolvem-se, sem perder suas propriedades, para compor com o trabalho. Uma pesquisa que se pretende feminista busca, justamente, decompor com o que já está dado, desagregando conceitos ultrapassados. Talvez, por isso, seja vista como deteriorante de costumes. A ideia é que a noção habitual de escritas das mulheres, costumeiramente tomada de preconceitos, se extingua, numa ruptura com esse modo de domesticar nossos corpos e palavras. Nos textos a seguir, encontram-se: as análises, no Capítulo 8; as Considerações Finais, no capítulo 9; as referências; e os anexos, um espaço para tudo aquilo que apareceu, mas não coube no texto principal da pesquisa. No texto que se segue, a linguagem continua poética, mesclando modos de se fazer análise, de se associar teoria e prática em uma escrita-balanço, que ora pende para o informal, ora para o formal, sem pretender separações ou hierarquizações.

Adotando a Cartografia como metodologia, é preciso dizer que esta não se propõe analítica do modo tradicional, ela não busca a raiz dos problemas ou uma condição inicial que se multiplica: tudo, o tempo todo, nesse mapa rizomático que se forma, multiplica-se. Ela não quer o uno. Como não ir em direção ao uno, da verdade, da árvore totalizadora? Como multiplicar entradas e saídas, produzir um mapa rizomático em que, mais do que somente responder pergunta de pesquisa, produzam-se possibilidades de afetos? Na dissolução, ou na desterritorialização, no desmanche de um território, talvez se façam esses muitos caminhos.

8 NÓS DAS ANÁLISES, OU DAS LINHAS QUE CRIAM TERRITÓRIOS

*Há um colar de flores na minha cabeça.
 Há uma fera alada em minha mente,
 uma serpente, perspicaz, atenta.
 Leio o mundo com o cérebro e os sentimentos.
 Sou o sagrado, o profano, a linguagem,
 a memória, o ninho da terra e das águas.
 Se nada ou pouco diz de mim, fêmea e mulher
 mantra para expandir a vida nos mundos,
 não me serve a sapiência dos homens.
 Tem pouco assunto.
 Jovina Souza*

Ao longo do Caderno 1, fui trazendo a imagem do encontro com minhas alunas. O Caderno 2 trouxe cada uma de nós, participantes dessa pesquisa. Nesse terceiro Caderno, a imagem reaparece com um outro ângulo, agora, é a partir dos nossos encontros, que escrevo. Como um sino que, ao ser tocado com força, continua ressoando, o que trago para cá é aquilo que continuou a vibrar depois de nossas trocas. Ao chegar à análise, multipliquei as possibilidades. Primeiro, me debrucei sobre as respostas dadas em cada uma das perguntas das entrevistas e em cada roda de conversa. Depois, a partir da reunião do material transcrito, criei imagens, tabelas e mapas com nossas palavras de cada entrevista, cada pergunta, cada roda de conversa, e para as respostas de um modo geral. Após a criação dessas imagens, voltei à teoria do Caderno 1 e verifiquei o quanto as falas das participantes e a teoria se encontravam. Além disso, busquei as quatro temáticas (linguagem, autoria, identidade e linguagem) em todo o material transcrito. Por fim, voltei à pergunta dessa pesquisa e aos objetivos, traçando linhas entre eles e os dados. Com isso, para além do próprio material produzido com as participantes, criei múltiplas análises: as linhas da pesquisa se tornaram nós que precisavam ser desfeitos e novelados para a escrita de um texto linear.

Enquanto fazia essas diversas análises, foi ficando evidente que separar o material como eu havia inicialmente pensado seria impossível para mim – eu teria que dissecar tudo que havia sido produzido, fazer separações, as quais transformariam pesquisa viva em corpo morto. O meu planejamento inicial perdeu o sentido, pois as observações de tudo o que eu vi não cabem somente em uma teoria ou outra, não entram em um tema ou outro, mas atravessam, de muitas maneiras, essas várias facetas. Ao pensar o processo de subjetivação das mulheres através da escrita, não é possível separá-lo das questões sócio-históricas, da mesma maneira, fica evidente o quanto não é possível pensar a questão da autoria separada das questões da identidade, por exemplo.

O texto a seguir é resultado daquilo que mais se evidenciou no cruzamento dessas muitas análises, quer dizer, teve relevâncias nas análises feitas. Algumas questões não foram

parte 8.3, as linhas de fuga aqui misturam-se aos múltiplos assuntos que aparecem nessa dança do pesquisar: as minhas próprias fugas como pesquisadora junto às fugas das participantes: para onde vão nossos desejos – de que modo buscamos alternativas à dureza das linhas molares e às interpretações das moleculares?

As linhas foram divididas aqui apenas para melhor organização da leitura: na constituição de um mapa, essas linhas não param de se cruzar, se modificar, se alternar. Então, ainda que separadas, muitas vezes o maleável alcançará a dureza, a fuga passará pelas duas, e a própria dureza pode surgir nos acontecimentos maleáveis ou nas linhas de fuga.

8.1 “O QUE ACONTECEU?”: DAQUILO QUE PASSOU E NÃO DIZ DE MIM, NÃO DIZ DA OUTRA, TALVEZ DE NÓS, TALVEZ DE TUDO, TALVEZ DE NADA

Era uma vez inquietações surgidas na leitura das transcrições das entrevistas. Algo pequeno, talvez irrelevante, mas que, aos olhos da pesquisadora, salta. “O que aconteceu?” perguntam Deleuze e Guattari² ao falarem sobre essas linhas, nomeadas por eles como moleculares. “O que aconteceu?” pergunta a pesquisadora ao lidar com o material. Eles, os franceses, dizem de um campo de desejos e crenças, no qual já não é possível distinguir o individual do social. Eles dizem da micropolítica, dos silêncios, dos subentendidos, do interpretável. Para eles, linhas moleculares. Para mim, susto do “como lidar com tudo isso?”, linhas maleáveis.

O que aconteceu? Volto à pergunta. Nessa indagação, a percepção dos silêncios, dos não, dos desejos, das crenças, das pausas, das elaborações. A conversa vinha seguindo seu caminho e, de repente, por ela, passaram pequenas, minúsculas, alterações que nos levam a essa pergunta. Nos textos a seguir, essas inquietações serão apresentadas, trazendo o que sucedeu, o que me atravessou, quais percepções me vêm à tona ao me encontrar com todo esse material.

O primeiro texto traz a questão dos silêncios em um desassossego sobre o sentido desse acontecimento nas entrevistas e nas rodas, mas também na vida das mulheres. O segundo texto discute as crenças e os desejos relacionados a nós, mulheres que escrevem, engendrando uma analogia com os contos de fada. Por fim, o último texto traz a marca da palavra *não* nas entrevistas, investigando o significado de uma palavra tão pequena em nossas vidas.

² DELEUZE, 2012, p. 76.

De silêncios

Entrevistas com poucos silêncios. Será? Silêncios nas conversas são lugares que abrem abismos para mim (e eu tenho medo de cair). É somente na escrita que os silêncios me são fundamentais.

Entrevistas com poucos silêncios por que não foram necessários ou por que, na fome que eu estava por suas palavras, não me permiti saborear os vazios?

Entrevistas com poucos silêncios. Algumas, mais. Outras, quase nenhum. Em uma entrevista, o único silêncio que parecia dizer muito mais. A pergunta era “Por que você escreve?” e ela me respondeu rápido, certa, sem tremer a voz, algo impactante. Depois, silenciou comprido. Nesse silêncio, eu me deixei apreciando o eco das suas palavras, deslumbrada com sua resposta. Para algumas, o silêncio era sempre no plural – silêncios. Falava, calava, falava, calava. No relato, a vontade de afirmar, mas toda uma história de silenciamentos. O silêncio dizendo muito mais. Para outras, nunca, nenhum silêncio, com as palavras preenchendo cada canto da entrevista.

Não. O silêncio é outro lugar para as mulheres. Quase sempre o acompanham a solidão e o apagamento. Silêncio pode ser o lugar da madrugada onde podemos existir sem sermos silenciadas. Mas silêncio costuma ser o lugar onde nos colocam à luz do dia: você não pode falar, você não entende, não pode escrever, não sabe. Ainda que estando no campo das interpretações, é impossível atribuir o seu excesso ou sua falta a apenas um olhar. Me lembro de Michelle Perrot e um livro todo dedicado ao silêncio das mulheres. “O silêncio é o comum das mulheres”³, repito para mim algumas vezes. Nosso silêncio conta de outros lugares, diferente do que é para os homens. O nosso silêncio parece ser sempre plural, mesmo no singular.

Entrevistas com poucos silêncios é sinal de abertura para a escuta ou receio do que não é dito?

Silêncios são searas, sem possibilidade alguma de generalizar. Às vezes, espaço para devaneios; outras, escape das memórias; poder falar, poder calar – não poder falar, não poder

³ Michelle PERROT, 2005, p. 9.

calar. Silêncio é como gente: é preciso olhar um a um e, ainda assim, caberia todo tipo de interpretação dentro dele, dependendo de quem (não) o escuta, ou (não) o emite.

Era uma vez a escrita: desejos e crenças de mulheres em torres

“Era uma vez”, porque algumas idealidades parecem presas a contos de fadas: não mais somente as histórias sombrias dos irmãos Grimm, mas a penumbra criada por um discurso (disneysco?) que nos leva a crer em genialidades, em salvamentos, empurrando-nos uma fantasia doentia de que ou aquilo não nos pertence ou aquilo irá nos salvar. Aquilo, aqui, chama-se escrita.

Era uma vez mulheres isoladas em suas torres, presas em afazeres domésticos, em cuidados com os outros, em trabalhos vazios, em relacionamentos abusivos. Na porta, a figura de outra mulher a trancá-las, escondido atrás dessa figura, um sistema chamado patriarcado, girando a chave na fechadura. Olhando da janela do alto da torre, essas mulheres acreditavam que algo iria salvá-las. Percebem um movimento no solo lá embaixo e têm certeza de que serão tiradas desse exílio enlouquecedor por alguém. Assustam-se ao perceber que ninguém está subindo e que é um grupo de mulheres a rodear a torre, dizendo “venha!”: decepcionadas com essa perspectiva, as mulheres presas na torre se escondem, encolhidas.

Não, a escrita, sozinha, não nos salvará. Ela não chega em cavalo branco, nem é personagem inalcançável. Ela não é príncipe, nem fada madrinha. Nas conversas das entrevistas e das rodas, no tremor das vozes, nas pausas, nas palavras que escapavam distraídas, a crença de uma escrita que nos salvará ou que nunca nos pertencerá, apesar do desejo explícito de possuí-la.

No “era uma vez” da mulher presa na torre, há um problema: não há alguém que a salva, é ela mesma que, ao cortar seu longo cabelo (todas as imposições sociais do que “deveria” ser uma mulher) e prendê-lo à janela, desce. É ela quem faz o gesto, o movimento de sair da torre. A escrita talvez seja a tesoura a cortar essas percepções ou, talvez, a sustentar a corda feita para que não despenquemos lá do alto. Há uma implicação individual nesse gesto que não pode ser feito por mais ninguém, como tão discutido na teoria do caderno 1. Ainda assim, é mais fácil a descida quando estamos apoiadas, protegidas por outras mulheres. Outra crença desse “era uma vez”: de que somos inimigas umas das outras, sem perceber que, na verdade, essa é uma manobra do patriarcado. Crer que somente sozinha descera da torre ou que outras mulheres atrapalharão pode ser ousado – não que seja impossível – mas, talvez, a descida seja mais arriscada, mais lenta, mais dolorida quando sozinha. É necessário atenção, pois há, sim,

mulheres que agem para nos manter nas torres. A questão é como encontrar aquelas que nos apoiam.

O que percebi ao longo das conversas com aquelas que já se sentem mais íntimas e confortáveis com suas palavras é que tanto o gesto de sair da torre foi individual quanto a coragem e o fortalecimento ocorreram junto a outras mulheres, não vistas como inimigas. Não é possível generalizar: nem sempre é assim com todas, já que não quero universalizar as experiências.

O desejo de sair da torre através da escrita não só é forte como é de uma beleza indescritível: é um desejo visceral, desestabilizador, intenso. Não houve uma participante que não tenha trazido esse desejo, que não tenha expressado uma vontade avassaladora de dizer-se em texto. Em muitas conversas, o desejo aparecia fortemente até que, de repente, um sumiço, um engasgo, um silêncio, pronto!, a sombra cresceu, o barulho ensurdecedor da porta interna da torre sendo batida – e o desejo sendo banido por todas as crenças que nos afastam de sermos nós mesmas.

Eu queria dizer a elas (e a mim mesma): “vamos, desçamos dessa torre!”. Na verdade, eu digo isso quase que diariamente. No entanto, eu não posso cortar o cabelo de ninguém e nem garantir uma descida sem dor, já que eu mesma estou pendurada em meus cabelos cortados, fazendo minha própria descida, com algum sofrimento e risco.

Por outro lado, não é que a escrita não possa ser a tal fada madrinha: ela pode, mas é uma fada que nos entrega uma varinha e nos diz para nós mesmas fazermos a mágica. Dizer que não há encantamento no escrever é tirar a dimensão poética, a qual, justamente, nos chama. Todas as mulheres participantes trouxeram esse olhar de uma certa magia com as palavras – fossem as suas próprias ou a dos outros: o deslumbramento é intrínseco ao desejo de escrita. Não queremos escrever (somente) para afirmarmo-nos como escritoras, aliás, nenhuma expressou esse desejo. Queremos escrever porque a escrita opera em nós um maravilhamento, uma poética ímpar. De repente, o lápis se torna varinha de condão e somos capazes de produzir nós mesmas esse estado de encantamento, de vislumbre de mundos menos sombrios, mais alcançáveis, mais tangíveis. Com essas varinhas, somos capazes de cuidar das nossas dores e de nossos monstros. A escrita carrega esse desejo de beleza – não a imposta, não a fetichizada, mas essa que encontramos nos detalhes, no cotidiano, na vida por ela mesma, algo trazido por quase todas – esse olhar, essa vontade de expressar uma poética.

Nesse “era uma vez”, o peso do longo cabelo traz uma falsa sensação de segurança, afinal, todas sabemos do perigo que corre uma mulher que segue seus desejos, não só pelas irmãs queimadas nas fogueiras de séculos atrás: sabemos que ainda apanhamos, ainda somos mortas, ainda somos isoladas, criticadas, apagadas por não atendermos aos desejos da sociedade e seguirmos os nossos. A mulher que decide sair da torre é perigosa, mas perigosa também é a descida. Talvez, por isso, nos agarremos com força à parede e dificultamos a saída: o medo nos atravessa, escutando os berros vindos do interior da torre. E, talvez, por isso, a necessidade desse movimento ser feito entre nós, para que possamos apoiar, segurar, confortar todas nós que estamos na descida.

No “era uma vez” das mulheres que escrevem, o desejo e as crenças servem de mola a nos impulsionar, servem de travas a nos impedir. Distante dos contos com finais previsíveis, não temos certeza se haverá um “felizes para sempre”. Nos contos nos quais criamos nossas histórias, há sempre reticências, porque há tanto a possibilidade, quanto um desejo maior de que possamos continuar escrevendo-nos, sem a necessidade de pensar em um fim para nosso “era uma vez”.

O susto (previsível) de tantos não

É só uma imagem.

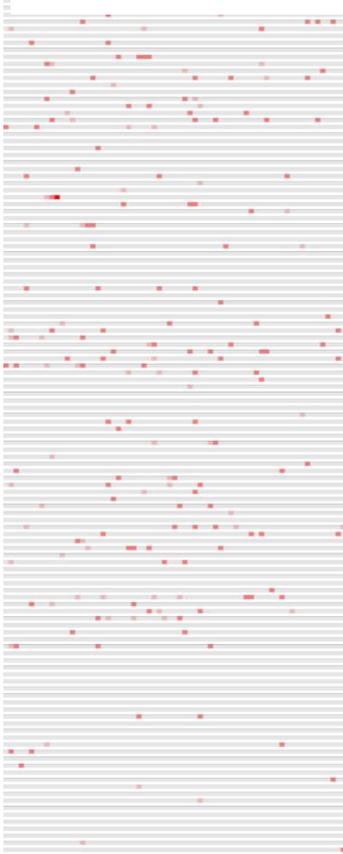
Usando um programa online, inseri todas as respostas juntas, organizado em arquivo único, sem minhas falas. O programa transforma o texto em linhas cinzas. Ao escolher uma palavra ou um termo, o programa cria uma imagem, mostrando em quais lugares do texto essa palavra aparece, destacando-as com tonalidades que vão do rosa claro ao vermelho, dependendo da frequência no trecho. Faço isso com “escrever” e “escrita” e elas aparecem com um rosa claro, distribuídas ao longo da imagem do texto (Figuras 21 e 22).

Ao colocar a palavra “não”, ela se multiplica, tinge de tons avermelhados boa parte da imagem (Figura 23). O “não” assim representado é só uma imagem – pode estar relacionado a tantas coisas. Volto ao texto. Que “nãos” são esses? Intuo – quase adivinhando a mim mesma projetada na imagem – que os “nãos” dizem muito de uma pesquisa sobre mulheres e escrita. No texto das transcrições, “não sei”, “não sabia”, “não tinha”, “não tenho”, “não gosto”, “não fiz”, “não queria”, “não entendi” e por aí segue...

“Não” como o selo dos nossos fantasmas. Assim como o silêncio, os não carregam muitos significados. Ao dizer não ao outro – quando conseguimos dizer não ao outro – esse não é validado, aceito? O não de algumas de nós é para nós mesmas, reforçando as faltas que nos impõem: não podemos, não somos capazes. Algumas participantes falaram mais não do que outras, traziam esse receio do quanto realmente são capazes de escrever bons textos, contavam as histórias de como, apesar do quanto gostam de escrever, não se sentem capazes de fazê-lo. Outras, mesmo mais confiantes em suas escritas, traziam um não relacionado aos outros – no olhar alheio, o não é presença forte.

“Não” como a força que nos coage a diminuir quem somos. Poucos foram os “não sou mais assim”, “não concordo com isso”, “não deixei de escrever” – esses não afirmativos apareceram mais nas discussões sobre autoria e sobre ser mulher. Em outros lugares, o não como afirmação de uma falta. O não que mancha a imagem sangra meu peito. Até quando continuaremos a negar o que sabemos, a negar nossas escritas, a negar quem somos?

Figura 23 – "Escrita" marcado em vermelho



Fonte: Da autora, 2022.

Figura 24 – "Escrever" marcado em vermelho



Fonte: Da autora, 2022.

Figura 25 - "Não" marcado em vermelho



Fonte: Da autora, 2022.

8.2 DAS LINHAS DURAS OU DA CRIAÇÃO DE TERRITÓRIOS

*Se és uma mulher forte
 se proteja com palavras e árvores
 e invoca a memória de mulheres antigas.
 Saberás que és um campo magnético
 até onde viajarão uivando os pregos enferrujados
 e o óxido mortal de todos os naufrágios.
 Ampara, mas te ampara primeiro.
 Guarda as distâncias.
 Te constrói. Te cuida.
 Entesoura teu poder.
 O defenda.
 O faça por você.
 Te peço em nome de todas nós.
 Gioconda Belli*

Para escrever pesquisa, superar um hábito: um leque sempre aberto, a multiplicar saídas. Ainda que inserida na Cartografia – talvez, justamente por isso –, é necessário traçar as linhas mais duras, molares. Tais linhas contam das conversações, das explicações, dos esclarecimentos – são as mais próximas dos objetivos traçados em uma pesquisa. Como traçar tais linhas quando há uma força que sempre me leva às linhas de fuga? Na etimologia da palavra objetivo, encontramos o sentido de “algo colocado, lançado à frente”. E o que nos colocamos à frente? Compreender o processo de subjetivação das mulheres através da escrita, pensando nas questões históricas, na escrita de si e na autoeducação. Talvez, por já pensar na escrita há tantos anos, por já lidar todas as semanas com minhas alunas e seus textos, muito do que foi sendo desenhado ao longo dessa pesquisa, eu já intuía. Aqui, então, nessas linhas molares, duras, evidencia-se a episteme, a relação entre o que intuía e o que as/os teóricas/os trazem, o que faz com que essa pesquisa se coloque tanto objetiva quanto subjetiva.

Ao longo dos meses, no trabalho com as entrevistas e as rodas, o que se destaca é a pluralidade: a escrita tem funções e papéis diferentes para cada uma das participantes. A ferramenta é a mesma, o uso, os processos e os resultados, plurais. É possível enxergar as conexões, as relações pensadas anteriormente: há similaridade, há aproximações possíveis entre os usos da escrita para nós, mulheres. Mas não é possível universalizar a ferramenta, como se ela atuasse sempre e do mesmo modo para todas de nós.

É preciso pontuar – ou lembrar – que as perguntas feitas às participantes e aquelas levadas para as rodas de conversa não eram uma extensão direta dos objetivos da pesquisa. Eu não perguntei como elas percebiam se tornarem elas mesmas através da escrita. Pelo contrário, as perguntas, como apresentado no capítulo 5, foram trazendo a relação que cada participante

tem com sua escrita. Apenas algumas foram mais pontuais. Ao longo do processo das entrevistas, e mesmo durante as transcrições, eu me questionei várias vezes se havia feito as perguntas certas; eu tinha a impressão de que eu deveria ter feito perguntas mais diretas, menos específicas. No entanto, ao fazer as análises, percebi que o fato de as perguntas serem mais abertas possibilitou perceber alguns pontos que talvez não ficassem tão evidentes com perguntas mais objetivas, as quais acabariam por criar poucas saídas para uma pesquisa inserida na cartografia.

No texto que segue, busco articular o conteúdo do Caderno 1 com o do Caderno 2, percebendo onde a teoria se encontra, ou não, com as entrevistas e as rodas. Como colocado no início deste Caderno 3, ao lidar com o material, muitas análises foram feitas, as quais me levaram à organização de um texto que traz a mistura de objetivos e temas próximo ao que se tornou relevante nas conversas. Para cada um dos pontos levantados, apresento imagens com algumas falas das participantes. Tais imagens trazem suas falas misturadas, não associadas a uma ou a outra, enfatizando o que foi dito e não quem disse. Assim, inserida no contexto da pesquisa cartográfica, no texto que segue, procuro recriar um território, o da escrita. O Caderno 2 trouxe um território de identidades. Na primeira parte do Capítulo 8, nas linhas maleáveis, esse território foi sendo desfeito. Agora, continuo a desmanchá-lo, mas, dessa vez, reconstruindo-o – reterritorializando.

A escrita como território de liberdade

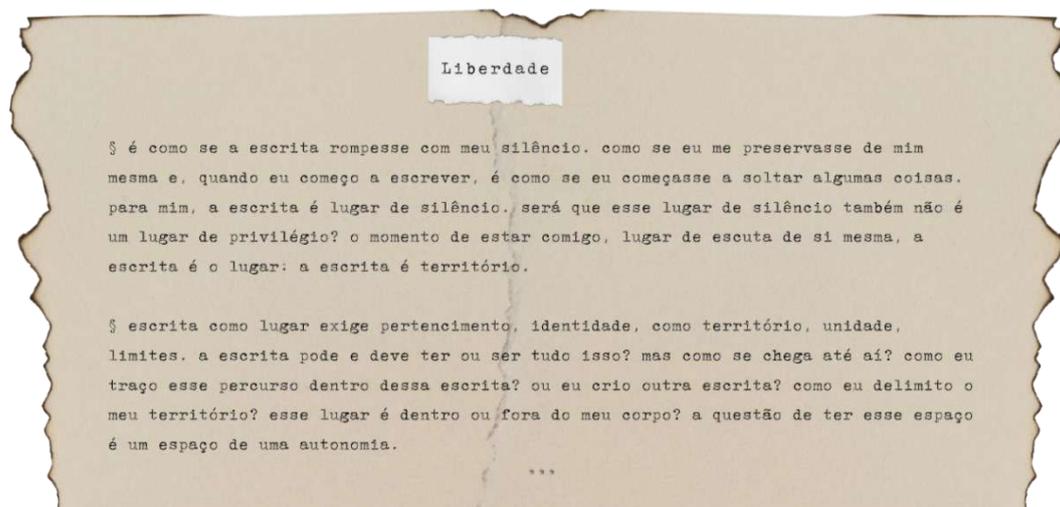
O processo de subjetivação é algo complexo, que não pode ser visto apenas de uma perspectiva. Tornar-se o que somos relaciona-se a diversos fios, atravessados pelas histórias individuais e coletivas, pelas questões sociais, além das dimensões mais subjetivas. Ao relacionar esse processo à escrita, não se busca restringir um ao outro, mas amplificar os espaços em que, principalmente como mulheres, podemos constituir a nós mesmas.

Há muitos motivos pelos quais as pessoas escrevem, dos obrigatórios aos mais livres, assim como há muitos motivos que levaram essas mulheres a cursarem o Travessias, alguns mais manifestos, outro menos. No entanto, a questão mais evidente em todas as análises, tanto nas entrevistas, quanto nas rodas, é a escrita como um *território de liberdade*. Aqui, eu mesclo as palavras delas às minhas. Território foi a palavra usada por uma delas quando, em uma das rodas de conversa, debatíamos sobre o que dizemos da escrita – algumas falaram do lugar da escrita, outras do espaço. Escolho território, pois acredito que, mais do que espaço e lugar,

ambas relacionadas a algo menos específico, território carrega um sentido mais próximo do que defendo nesse trabalho. Território, de acordo com o dicionário Oxford, é uma área delimitada, uma extensão de terra, o qual, se relacionado ao termo jurídico, diz do espaço no qual um Estado exerce sua soberania; ou, se relacionado à ecologia, diz da área em que um animal ou um grupo de animais ocupa e que é defendida contra a invasão de outros indivíduos. Assim, quero aproximar a escrita das mulheres de um *território*, do qual somos donas e, mais do que nos pertencer como uma propriedade, também pertencemos a ele. *Território*, porque há terra, onde tudo brota, tudo morre, tudo brota novamente. *Território*, porque sempre provisório: por tal motivo, exige que o protegemos e, ao mesmo tempo, o cultivemos.

A escrita não é um território qualquer. Para essas mulheres, para nós, ela é *território de liberdade*, algo que apareceu ao longo de quase todas as entrevistas e rodas. Não algo dado, disponível ou acessível: a liberdade, nessa ideia de terra a ser cultivada, estaria próxima àquelas plantas que, a cada estação, devemos plantar novamente, tendo que tomar todos os cuidados para que não pereçam ao longo de seu crescimento. Liberdade é palavra grande jogada de um lado para o outro, associada a diversos pensamentos. Aqui, estamos associando-a a uma prática, a um modo de estar no mundo, como colocado por Foucault, em que se cria a si mesma, em busca de uma autonomia no pensar, como apresentado por Steiner. Mas liberdade junto à palavra mulher, assim como para outros grupos minoritários, é lugar complexo. Para as participantes, a escrita pode ser esse território em que a liberdade acontece: quando desfeitos os nós que dificultam essa relação entre mulheres e escrita, a escrita acontece. “Mesmo quando é uma escrita mais dolorida, ela também é liberdade, porque não é em qualquer lugar que a gente consegue falar da dor e ser livre”, diz uma das participantes. Para que a escrita aconteça de modo mais “fácil”, é necessário que haja liberdade. Isso foi algo unânime nas respostas. No entanto, de que liberdade de escrita estamos falando? Ou qual falta de liberdade nos referimos como o que atrapalha nossa escrita?

Figura 26 – Falas misturadas das participantes, tema Liberdade I.



Fonte: Da autora, 2022.

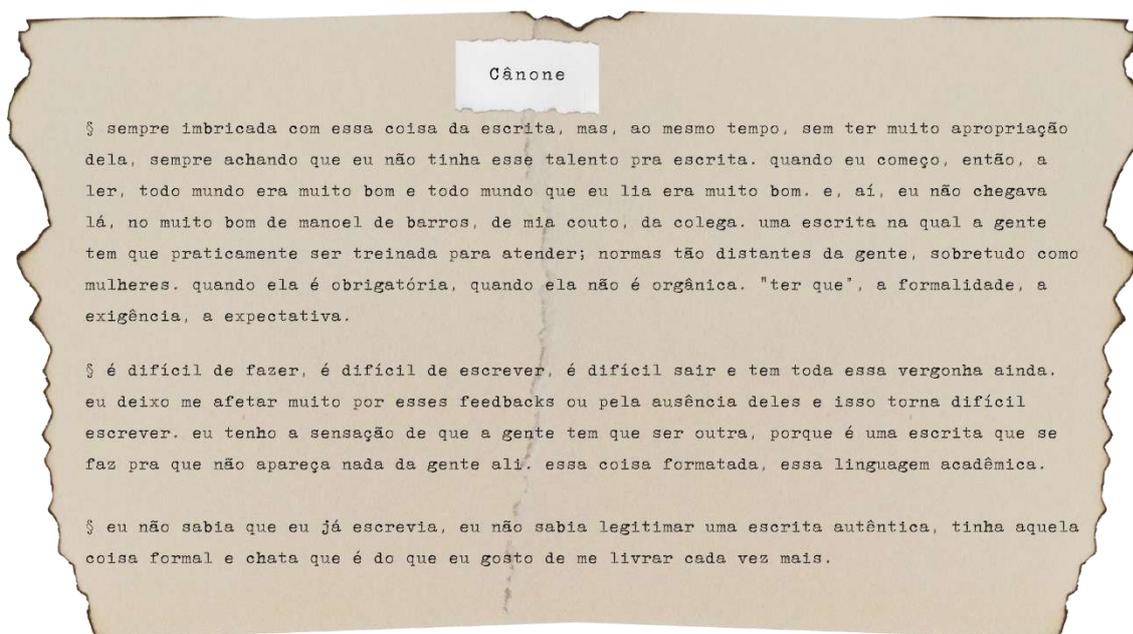
Territórios invadidos: cemitérios assombrados

É bem óbvio que a formalidade, a forma, o academicismo aparecem em peso na pergunta “o que torna difícil escrever?”. Ainda assim, existem aspectos que ultrapassam a noção da formatação. A liberdade das mulheres, aqui, de nossa escrita, é atravessada por questões sócio-históricas muito fortes. Ao me sentar para escrever, eu não estou sozinha: sombreiam em meu papel as mulheres que não puderam escrever e, por trás delas, todos os inquisidores não só do modelo das mulheres, mas, como amplamente discutido no Caderno 1, os da escrita normativa, o cânone.

Entre todas as falas, distribuídas ao longo das entrevistas e das rodas, assim como nas páginas do meu *diário de mestranda*, podemos enxergar as sombras de tais inquisidores, desse referencial masculino, dessa exigência por um texto que atenda aos critérios estabelecidos por tal referencial. O texto acadêmico foi citado muitas vezes, assim como aqueles que demandam formatos muito específicos. O nosso território, na verdade, não para de ser invadido por fantasmas a transformar terra fértil em cemitério assombrado. O que foi trazido não foi exatamente o relato de que algum homem tenha criticado nossos textos (o que não significa que isso nunca tenha ocorrido): pelo contrário, em mundo contemporâneo, no desenho traçado por Foucault há alguns anos, nós mesmos trazemos as vozes de nossos carrascos. O nível de autoexigência e autocobrança relatados por todas nós nessas conversas é altíssimo: das 15 perguntas, em 10, aparece algum traço da autoexigência e da autocobrança. A insegurança apareceu muitas vezes nas respostas de todas elas, expressadas na comparação com outras pessoas, não só com os “grandes nomes”, mas mesmo com quem está mais próximo. Uma delas

diz: “uma das coisas que tornam difícil escrever é a própria... sou eu”, atribuindo essa sombra a algo pessoal. Todas elas gostam de escrever, mas a maioria diz não gostar dos próprios textos – algumas dizem gostar de ter escrito, mas não gostarem dos textos. Essa questão não é tão distante de relatos de muitas escritoras e de muitos escritores. O ponto, aqui, é que, junto à questão do cânone, há aquela idealidade sobre a escrita: para uma delas, é um dom, o qual ela relata não ter.

Figura 27 – Falas misturadas das participantes, tema Cânone.



Fonte: Da autora, 2022.

Essa insegurança e autocobrança exacerbada foi amplamente discutida nos Capítulos 2 e 3, do Caderno 1. Muitos são os fatores relacionados a isso – um deles, destacado por elas, é a questão da educação. No final de uma das entrevistas, ao falar sobre a educação das mulheres, a participante questiona: “a gente ficou muito oprimida, muito sem corpo, muito sem vida, então, como é que o corpo que não vive, que fica oprimida, sabe, amarrada, como é que ele vai se dar uma escrita?”. Algumas delas relatam ter tido pouco acesso à leitura e à escrita em suas formações e atribuem a isso suas dificuldades. Outra relata achar que foi a escola que lhe trouxe um bloqueio na escrita. Nas rodas, a educação também foi discutida, considerando o quanto, em alguns lugares, as mulheres ainda são julgadas por decidirem estudar e trabalhar ao invés de se dedicarem ao casamento ou à maternidade. Seus relatos não falam somente de suas antepassadas, mas de suas vivências: algumas são questionadas por terem decidido se aprofundar nos estudos – sendo mãe, sendo casada ou não. Se, por um lado, a falta de estudos

é algo que atrapalhou algumas delas, o excesso também pode ser um problema para algumas delas, pois, ao lidar com tantas obras “referências”, surge um sentimento de não ser capaz de fazer algo como o que está ali, naquelas páginas tão admiradas.

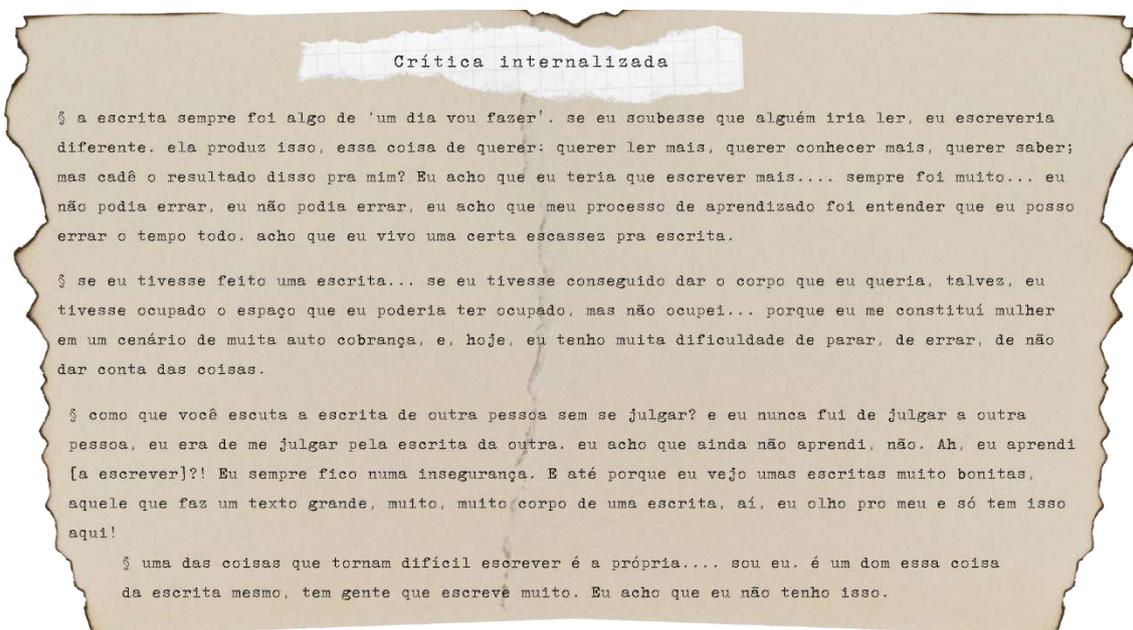
É interessante pensar que a crítica e a insegurança, tanto para Foucault quanto para Steiner, relacionam-se a outras percepções. No cuidado de si, uma das funções da ascese apresentada por Foucault é a crítica: rever-se para ser capaz de enxergar os próprios limites, para poder mudar a si mesmo. Esse ponto aparece amplamente nas entrevistas e nas rodas, mas de dois modos distintos – por um lado, como algo positivo, que colabora com os processos individuais; por outro, como algo extremamente negativo, atrapalhando por demais a afirmação desse território. Há uma diferença no modo como nós, mulheres, eu e as participantes, lidamos com essa crítica. Será que os homens carregam os mesmos fantasmas? Será que a crítica opera neles o mesmo massacre que opera em nós? O processo de rever-se apareceu constantemente nas falas: algumas relatam, primeiro, uma dificuldade em rever seus textos, outras descrevem como que, ao se encontrarem com textos antigos, percebem as mudanças ocorridas ao longo do tempo. Uma delas relata escrever diariamente e, diariamente, jogar tudo fora. Ela também jogou fora seus diários. Os papéis jogados fora diariamente podem parecer uma ideia impactante. No entanto, esse é um hábito comum entre as mulheres, como trazido no Capítulo 2, Caderno 1, Michele Perrot⁴ discute esse hábito, seja para se livrar daquilo que pode condenar, como será discutido adiante, seja como uma forma de não enxergar valor naquilo que produz, essa linha marca a condição de muitas mulheres. Quando a questiono o motivo pelo qual fez isso, ela me diz que nunca tinha pensado nisso (no motivo), nunca havia se questionado sobre isso. O tom desse rever-se acaba sendo também o excesso de autocrítica, em uma insatisfação constante com tudo o que fazem.

Como é possível constituir um território de liberdade da escrita se não conseguimos ao menos reconhecer sua existência ou se não percebemos algum valor nessa terra? Uma delas relata a escassez para a escrita, como se lhe faltasse repertório, principalmente durante a pandemia. A crítica internalizada traz a percepção de que não temos nada bom a oferecer, como se a terra não fosse fértil, como se não tivéssemos sementes ou como se estas não fossem boas para serem plantadas. Não somos nós que transformamos esse território assombrado: é a projeção de séculos de sujeição que confundem nossa visão e nos fazem crer que, nesse território, nada pode brotar. Ainda que o território seja uma construção individual, é

⁴ Michelle PERROT, 1989.

fundamental responsabilizar aqueles que o assombram, diminuindo o peso carregado individualmente, afinal de contas, já passou da hora de deixarmos de carregar pedras quando estamos descansando⁵.

Figura 28 – Falas misturadas das participantes, tema Crítica internalizada.



Fonte: Da autora, 2022.

Aqui, parece acontecer algo interessante: para adentrar nesse território da escrita, nos deparamos com um espelho na entrada. No livro *A história sem fim*, de Michael Ende⁶, Atreiu, o herói, um dos protagonistas, em determinado momento da narrativa, em sua busca pela cura da Imperatriz de Fantasia, depara-se com um espelho. Quem ele vê do outro lado, para sua surpresa, não é si mesmo, mas Bastian, o outro protagonista, leitor da *História Sem Fim*, o qual lê a si mesmo nas linhas do livro que está em suas mãos. Nesse encontro, Bastian deixa de ser leitor e passa a ser criador da história. A reação imediata de Bastian é jogar o livro longe e não acreditar que aquilo está acontecendo: é um espelho em ambos os lados, o herói vê o leitor e o leitor, para ser o criador, precisa ser capaz de se reconhecer como herói, capaz de criar aquela história. Essa narrativa traz uma perspectiva de analogia do nosso encontro com a escrita: ao lidar com nossos textos, nos deparamos com uma parte nossa – de que somos capazes de criar, mas que fomos educadas para acreditar não termos, como foi mostrado no Capítulo 2, Caderno

⁵ Referência ao ditado popular que diz: “mulher quando descansa, carrega pedra”.

⁶ ENDE, 1985.

1. Para constituir esse território, precisamos afirmar que também somos criadoras, também podemos ser mais do que leitoras, mas mulheres que escrevem. Olhar para esse espelho pode desmistificar a idealidade, exorcizando alguns dos fantasmas que nos rondam e assombram nossas terras.

Nas conversas, além da dor e da autocobrança, também foram relatadas as possibilidades desse encontro consigo e o quanto que, ao aceitar essa imagem refletida, o território da escrita é (re)tomado. Uma delas nos diz o quanto, apesar do sofrimento, a escrita a permitiu se “conhecer, enquanto um alguém que produz alguma coisa no mundo”. Também outra participante conta como se percebe diferente ao reler textos antigos. Nesse ponto, também aparece a questão da alteridade, do diálogo que ocorre na lida com os próprios textos: há tanto o movimento de se perceber diferente do que era, quanto o de se reconhecer, na criação de uma conversação entre “quem fui e quem sou”. Nessa imagem de espelho, uma participante me diz que o que torna difícil escrever é quando ela não tem coragem de se olhar. A escrita para ela, assim como para outra, faz parte de suas existências – ambas relacionam suas existências a suas escritas. Um ponto importante associado à capacidade de ver a si mesma é que todas relatam fazer esse movimento. As suas falas trazem muitas reflexões sobre si mesmas através do ato de escrever. O ponto não é exatamente sobre não ser capaz de se olhar, mas, ao se deparar consigo, conseguir desfazer-se do véu social que ofusca nossa visão sobre nós mesmas, véu este que diz, enganadoramente, o quanto nada do que fazemos ou somos é bom o suficiente.

Se a crítica assume duas perspectivas, a da dor e a do reconhecimento, com relação à insegurança, algo intimamente relacionado, ocorre o mesmo. Steiner traz a insegurança como parte do processo de criação, como apresentado no Capítulo 4, Caderno 1. Ainda assim, sem ter certeza de como a insegurança era elaborada na época e no local do autor, atualmente, ela parece ser uma questão complexa. Somos educadas e educados de um modo que nos deixa inseguros⁷, mas, ao mesmo tempo, quem realmente é bom, ao olhar da sociedade, parece não se sentir inseguro – “confiar em si mesmo”, “não demonstrar insegurança” são ideias bem difundidas em livros de autoajuda e em redes sociais. No entanto, essa ideia é válida somente para os homens – em geral, brancos, ricos, héteros: as mulheres que demonstram segurança costumam ser rejeitadas pela sociedade⁸. Mulheres são treinadas para serem “educadinhas”, frágeis, inseguras. Esse foi um tema que apareceu em algumas entrevistas e amplamente

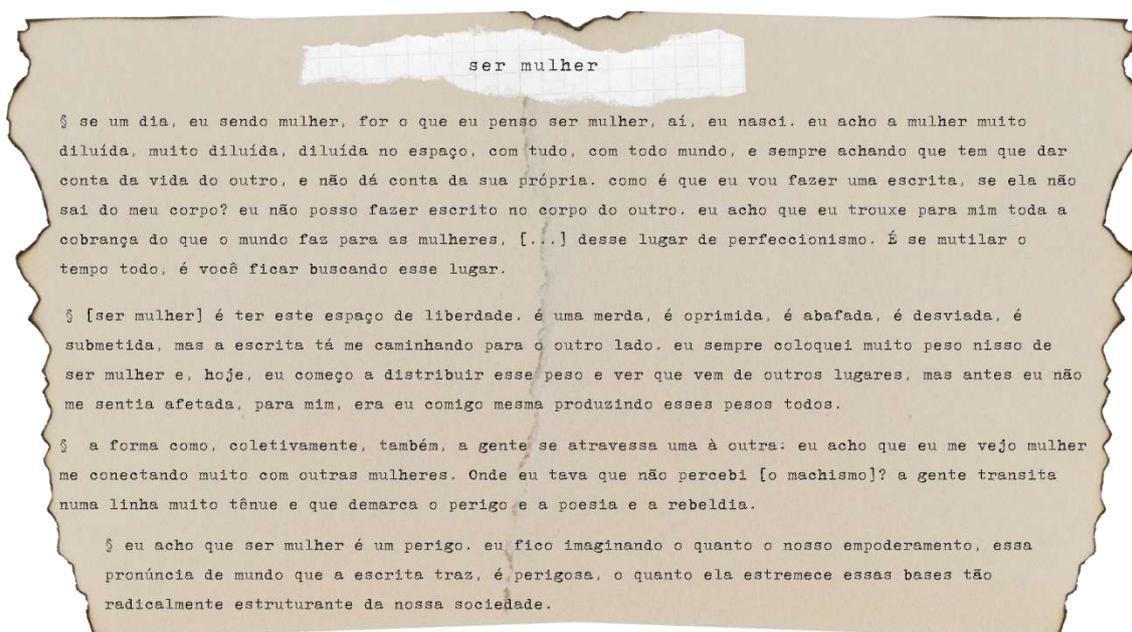
⁷ Se pensarmos em uma educação que condiciona e que não liberta, não é possível criar pessoas confiantes em si mesmas.

⁸ Haja vista o que ocorria com Dilma Rousseff quando ela era presidente da república, por exemplo.

discutidos nas rodas de conversa. Quando ousamos sair dos lugares que nos são atribuídos, sentimos que estamos fazendo algo errado, fabricando uma sensação de insegurança e uma vontade de se justificar por isso. Uma das participantes relata que um membro de sua banca de defesa do mestrado chamou seu texto de “‘escrita desculpa’ [...], ele falava algo do tipo que eu tinha que ser mais inventiva, que eu me explicava demais, eu me justificava demais o tempo todo, e ele chamou isso de uma ‘escrita desculpa’”. O pedido de desculpas constante que escuto de minhas alunas, que faço nos meus textos e que, como apontado por Zahidê Muzart, no Capítulo 2, Caderno 1, ainda acontece. É terrível que isso seja atribuído apenas a problemas individuais, quando faz parte de um dos modos de objetivação das mulheres na sociedade. Quando ousamos, quando somos inventivas, seguras, somos colocadas como inadequadas, anormais, grosseiras etc., quando nos justificamos por nossas escolhas, somos tomadas como inseguras. Parece ser sempre impossível às mulheres atender a quaisquer expectativas da sociedade.

A insegurança não é uma neurose individual de uma única mulher: ela diz de um problema coletivo, resultado de séculos de invalidação, apagamento e violência. Logo na primeira roda, como já relatado anteriormente, uma das participantes conta que, atualmente, tem três pacientes que foram espancadas pelos maridos. Nas respostas à pergunta sobre o que significa ser mulher, as participantes trouxeram não só a autocobrança, mas também o perigo, a expropriação, a opressão, o medo. Diante dessas palavras, é quase natural que a insegurança sempre nos acompanhe. Ainda assim, em uma das rodas, várias participantes contam de mães que se fingiam de boazinhas diante dos maridos e da sociedade, mas que, por trás das “coisas de mulher”, ensinavam suas filhas a serem diferentes. Essa foi a saída encontrada por muitas mulheres para conseguirem se apropriar de seus territórios: através dos pedidos de desculpa, atrás das tarefas tidas como femininas, fingindo algo que não eram. De certo modo, como colocado no texto *Era uma vez a escrita*, a insegurança acaba sendo uma estratégia de proteção, já que, ao ousarmos sair da condição social na qual estamos inseridas, corremos perigo, literalmente. Por um lado, a luta social coletiva por espaços mais seguros; por outro, revermos até que ponto precisamos nos sentir assim – ou em quais espaços se faz necessário esse cuidado: é fundamental, até para nossa saúde, que criemos um território no qual o medo e a insegurança não se apoderem, nos dando margem para sermos nós mesmas.

Figura 29 – Falas misturadas das participantes, tema Ser mulher.



Fonte: Da autora, 2022.

Voltando a Steiner, o que significa insegurança para o autor definitivamente não é o mesmo que significa para as mulheres: o que ele trazia relacionava-se mais ao rever-se e ao “frio na barriga” do que essa sensação devastadora – e, muitas vezes, bloqueadora – que carregamos conosco. A sensação descrita por Steiner também apareceu nos relatos, pois é aquele sentimento de não ter certeza do resultado, mas que pode encontrar certo reconhecimento. Elas me contam alguns exemplos: a dissertação de mestrado da participante que relatou o texto-desculpa foi visto por muitos como um trabalho excelente; a poeta a apresentar suas poesias em público; a participante que publica seus textos nas redes sociais e consegue comover as pessoas. De modo geral, elas trazem essa sensação de frio na barriga – uma delas usa essa expressão. Ao conseguirem separar o medo, a insegurança, do sentimento de frio na barriga, conscientes ou não desse processo, elas conseguem se expor. Temos a insegurança relacionada ao ser mulher, mas também somos capazes de nos rever. Fica muito perceptível que a insegurança, como colocada por Steiner, e essa crítica, como trazida por Foucault, são naturais e parecem fazer parte da condição humana, talvez; o que não significa que operam da mesma maneira em todas as pessoas, principalmente nas mulheres.

A insegurança e a falta de uma educação de qualidade não são as únicas a nos atrapalhar. As questões domésticas, como apontado no Capítulo 2, Caderno 1, também são fatores complicados, principalmente para as mulheres casadas e para as que têm filhos, em relatos sobre

a falta de tempo e o excesso de coisas para fazer. Como escrever se não temos tempo e espaço para nós mesmas? Como colocado por Virginia Woolf⁹, os homens fecham as portas de seus escritórios e escrevem. Jaca, a única participante que não conseguiu estar conosco nem na entrevista, nem nas rodas, foi impedida justamente pela somatória da demanda doméstica, com os filhos e marido, e a demanda de muitas horas de trabalho – a tal da jornada tripla. Uma delas conta que, durante muito tempo, achou que quando os filhos crescessem, ela conseguiria ter tempo para escrever, entretanto, quando os filhos ficaram mais velhos, a mãe adoeceu e ela se deu conta de que não poderia mais esperar. Nas duas rodas de conversa, essa temática foi muito discutida, principalmente relacionada às questões de classe social e de raça. Elas trouxeram a escrita como um lugar do silêncio, não só de serem silenciadas, mas do momento em que podemos nos conectar conosco e escrever. Na conversa, o que se percebeu é o quanto ter silêncio para a escrita é um privilégio – ter tempo para si é algo para poucas mulheres. Uma participante, que trabalha com mulheres de classes mais pobres, diz que a maioria delas nunca parou para pensar em um tempo para si mesmas. Um outro lado dessa questão foi levantado ao trazerem Françoise Ega¹⁰, uma escritora francesa negra, nascida na Martinica, que escreveu cartas à Carolina Maria de Jesus. O que chamou a atenção da participante que traz a obra para a conversa, é que, apesar das condições em que Carolina vive, Françoise diz que Carolina, mesmo morando em um barraco, sem um marido, possui um espaço para escrever, enquanto ela, apesar de ter casa e ser casada, escreve enquanto faz as tarefas domésticas, sempre sendo tolhida pelo marido e filho. Pra Françoise, Carolina pode escrever livremente, o que não ocorre com ela. Esse relato mexeu com a roda: foi-se percebendo que, mesmo com questões pesadas relacionadas à classe social e à cor, o que falta às mulheres, principalmente as casadas e as com que filhos, é autonomia. Como constituir esse território se não há espaço para a criação, se estamos presas às sujeições externas? Para as participantes da roda, a busca pela autonomia é gesto fundamental para a construção do espaço da escrita.

Ainda assim, é importante enfatizar a discrepância que há nesse lugar, até porque uma mulher branca poderá ter muito mais autonomia do que outras mulheres em condições sociais diferentes. São situações inequívocas. Quando Audre Lorde¹¹ foi para a Rússia, ela se impressiona com o número de leitores e nos diz como é diferente quando as pessoas têm o pão

⁹ Virginia WOOLF, 2014.

¹⁰ No livro *Cartas a uma negra*, Françoise escreve à Carolina Maria de Jesus. Françoise era uma empregada doméstica na França quando, um dia, folheando uma revista, se depara com uma reportagem sobre a autora brasileira e seu livro *Quarto de despejo* e passa a escrever cartas a Carolina, nunca entregues.

¹¹ Audre LORDE, 2021.

garantido na mesa. A preocupação de Virginia Woolf¹² é a mesma ao afirmar a importância de garantirmos condições financeiras mínimas para que uma mulher escreva. Não podemos reduzir a questão social, justamente porque, apesar de algumas mulheres terem conseguido algum reconhecimento, muitas outras continuaram e continuarão impossibilitadas de escrever por não terem o mínimo em suas mesas. A questão racial é ainda mais pesada e nós, mulheres brancas, tendemos a equiparar as violências do machismo às do racismo, algo inviável, como aponta Grada Kilomba¹³. A autonomia é fundamental a todas nós, mas precisamos compreender que, na luta pela construção desses espaços, as mulheres brancas possuem um privilégio muito maior do que as não-brancas, fazendo com que a balança da (suposta) igualdade continue pendendo somente para um lado. O que traz um aspecto de luta coletiva na construção desse território, de modo que todas as mulheres tenham as mesmas condições para constituírem seus espaços.

Territórios autônomos: escritas de si como composição territorial

Autonomia. Palavra bonita, sonora, importante. Tão distante de nós por tantos anos. De acordo com o dicionário Oxford, autonomia é a capacidade de governar-se pelos próprios meios – o sentido vale tanto para países quanto para indivíduos. A autonomia também estaria relacionada à capacidade de cada pessoa se autodeterminar. Voltamos ao território, voltamos à ideia de liberdade do começo desse capítulo. Se pensarmos friamente, a autonomia parece ser utópica para a maioria de nós – seja financeiramente, seja nas vivências cotidianas, ou mesmo nos discursos que absorvemos, parece impossível alcançar uma autonomia que se estenda a todos os aspectos de nossas vidas concomitantemente. Ao mesmo tempo, se não encontrarmos modos de criar alguma autonomia, estamos fadadas a estar em relações de sujeição o tempo todo. Por isso, Steiner, ao discutir a liberdade, a associa à autonomia, insistindo na importância do trabalho sobre o pensar. Foucault traz a importância de não sermos escravos na constituição da liberdade. bell hooks e Audre Lorde também enfatizam a necessidade de encontrarmos nossa autonomia, principalmente em nossos pensamentos. Como vimos, nem sempre encontraremos autonomia nos espaços sociais, seja nas relações familiares, seja em outros lugares; e, ainda que seja fundamental nossa luta para que a encontremos, talvez, o primeiro lugar de autonomia seja em nós mesmas – daí, a importância da ideia de subjetivação da ética foucaultiana e da autoeducação steineriana: constituirmo-nos para não sermos constituídas. Nesse sentido, penso

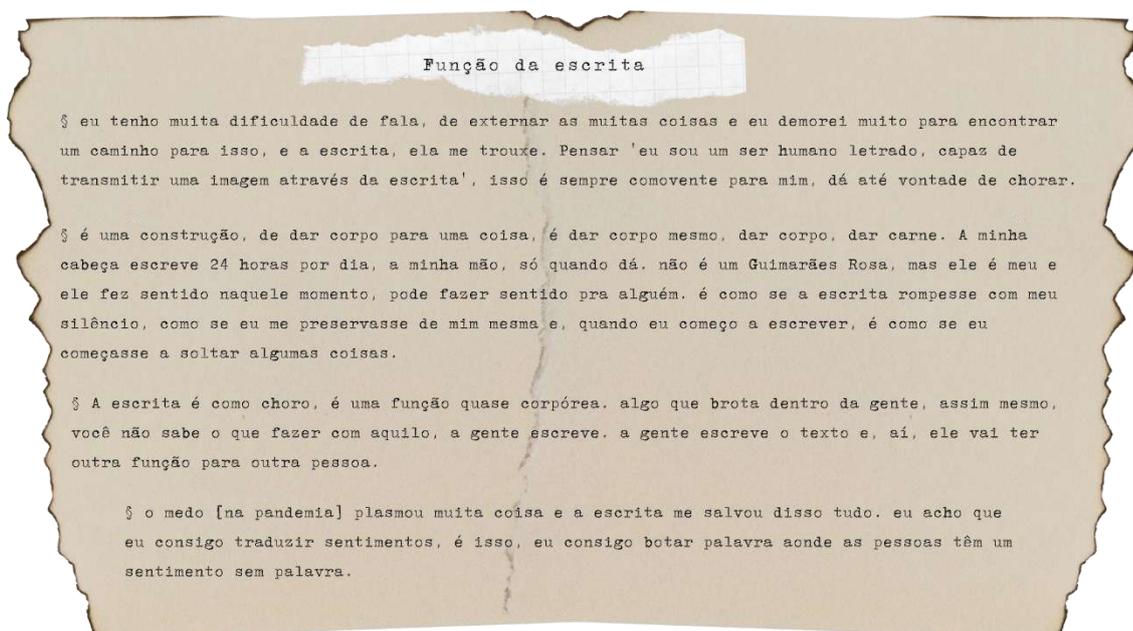
¹² Virginia WOOLF, 2014.

¹³ Grada KILOMBA, 2019.

o quanto a escrita pode ser um desses espaços de criação dessa autonomia – nesse território só nosso, temos autonomia para que sejamos nós mesmas.

Nos processos de subjetivação relativos à construção desse território, Foucault apresenta três funções do cuidado de si, como apresentado no Capítulo 3, Caderno 1: a função crítica, já debatida anteriormente, a função terapêutica e a função de combate. Na constituição desse território, um aspecto destacado pelas participantes foi a percepção da escrita como um cuidado, como uma compressa capaz de diminuir as dores causadas pela vida, ou como um modo de organizarem a si mesmas.

Figura 30 – Falas misturadas das participantes, tema Função da escrita



Fonte: Da autora, 2022.

A escrita, assim, se aproximaria da função terapêutica, uma característica do cuidado de si. Terapêutica não só porque cura, não porque “livra-nos” de um mal, mas porque, como dito por Silvane Vasconcelos¹⁴, como aquilo que nos aproxima de nós mesmas. A associação da escrita ao terapêutico ocorreu muitas vezes ao longo das conversas tanto diretamente, algumas me relatam como “o processo da escrita é terapêutico”, quanto relacionada ao cuidado, “a escrita ocupa um lugar daquilo que eu não consigo dizer e ela me organiza”. A organização de si através da escrita aparece em várias falas, até no sentido de que, quando não está cuidando

¹⁴ Silvane VASCONCELOS, “Percurso e caminhos junto à terra em artes-manuais para terapias” <https://youtu.be/uVd0BzBmdQ8> [16:40]

de si, uma delas relata que não consegue escrever. Esse território não apenas cria espaço, mas cuida, acolhe aquelas que precisam. É através da escrita que uma dela relata se dar conta de certos pensamentos e sentimentos que não tinha consciência antes de escrevê-los. Essa função da ascese (do cuidado de si) não se restringe à alimentação, aos exercícios etc., como geralmente é falado, mas também ao próprio ato de escrever. Escrevendo, somos levadas a lidar com o invisível, enxergamos amarras, podendo desatá-las, nutrimos nosso território, aproximando-nos de nós mesmas. Se pensarmos no quanto somos machucadas apenas por sermos mulheres, a criação de um território em que possamos nos cuidar, tratar de nossas feridas, é fundamental, outra vez, para que, inclusive, possamos nos manter saudáveis.

Nesse sentido, ao se deparar consigo e cuidar de si, podemos pensar numa parte do processo autoeducativo, relativo ao contar nossa própria história. Uma das participantes contou como que, ao decidir se aproximar da escrita, percebeu a abertura de uma perspectiva ao assumir “uma narrativa própria, porque é tão assustadora a forma como acho que as pessoas narram a nossa história e nos desapropriam da nossa própria existência”. A escrita, como ela coloca na continuação de sua fala, passa a ser um modo de ressignificar sua própria vida, sua própria existência. Ao se dar espaço para contar de si, para rever suas histórias, nós conseguimos, aos poucos, afastar os fantasmas, multiplicando os sentidos dos acontecimentos de nossas vidas. Assim, no trabalho com os próprios processos, as participantes relatam o quanto têm buscado se aceitarem mais (aproximando-se de si mesmas), não se cobrando tanto.

Nesse espaço terapêutico associado à própria história, aparecem os diários e as cartas. Os primeiros como um cuidado relacionado ao cotidiano, onde também guardam suas histórias. Os diários aparecem nas conversas individuais tanto por aquelas que sempre tiveram esse hábito quanto por aquelas que nunca chegaram a tê-los. Lugar sagrado, espaço de muita intimidade, esse hábito foi relatado por várias; às vezes, como o único campo onde a escrita acontece, outras por uma vontade de fazê-los. Para duas delas, esse hábito surgiu na pandemia. Para outra, ao perder o pai, voltou aos diários e pode elaborar o luto. Em algumas falas, não é exatamente o diário, mas os muitos “caderninhos” onde escritas distraídas e aleatórias acontecem. Duas delas relatam ter jogado todos os diários da adolescência fora – assim como descrito por Michelle Perrot¹⁵, no Capítulo 2, Caderno 1, e já falado anteriormente. Uma se arrepende, outra não. Uma, por medo de ser lida; outra, por querer se livrar de uma história difícil. Ambas salvaram apenas um – um diário de viagem e o primeiro da vida. Os diários e os caderninhos são tratados

¹⁵ Michelle PERROT, 1989; 2005.

como uma maneira de cuidar das questões pessoais, mas, próximo a isso, de organizar os próprios sentimentos e pensamentos. Outra diz que só sabe pensar escrevendo. Nesses papéis, é possível encontrar também as anotações de suas leituras, as impressões sobre algo que assistiram, para além dos relatos dos acontecimentos do dia-a-dia. Uma participante diz que gosta de deixar pegadinhas para escritas futuras, querendo dizer que, algumas vezes, escreve poucas coisas nesses caderninhos – impressões, pensamentos – que servirão para textos maiores futuros. Além dos diários, as cartas também apareceram em algumas conversas – tanto mais próxima dessa função terapêutica, na escrita para a mãe falecida, quanto na função de preparar para a vida, chamada por Foucault de função de combate, em cartas escritas para bebês que estavam chegando a esse mundo.

Junto aos diários e às cartas, aparece o receio de sermos expostas. A exposição, algo que Foucault traz sobre a escrita de si, outra vez, assume uma função diferente ao se relacionar às mulheres. Esse medo da exposição é algo muito presente no relato de várias delas – não só delas, mas de muitas alunas e amigas. Como mulheres, cientes de nossas próprias histórias e de nossas irmãs, sabemos quão alto pode ser o preço pago por uma mulher ao ser exposta: esse temor, de novo, não vem de uma suposição absurda, distante da realidade. Seja nas praças da inquisição, seja nas redes sociais, nas salas de casa, ou revistas de fofoca, as mulheres continuam a ser queimadas, com um inquisidor a expor seus “pecados”. Queimar nossos papéis, apagar nossas palavras pode parecer uma certa desvalidação do que fazemos, no entanto, é mais do que isso, é também um modo de evitar que sejamos condenadas. A exposição, como já dito, é justamente uma das características da escrita de si. Ainda que desejemos um território seguro para nós, ao mesmo tempo, carregamos a preocupação de não sermos invadidas, já que, ao escrever, como colocado por Foucault, marcamos nossos rostos em nossas palavras. Toda essa discussão sobre se expor se relaciona ao anteriormente discutido sobre a insegurança e a crítica. Ao criarmos esse território, corremos o risco da exposição e do modo como o mundo (e nós mesmas) lidaremos com ela. É possível que, para os homens, principalmente os brancos, a exposição não seja um problema: parece haver uma certeza de que, mesmo quando “condenados”, aquilo não diz respeito a eles. O modo como a sociedade lida com as mulheres expostas (por vontade própria ou não) costuma ser impiedoso – condenando-as em todos os sentidos possíveis, mesmo naqueles não relacionados ao assunto exposto, por exemplo, nossos corpos costumam ser ridicularizados, junto a associações pejorativas a animais. Como que, tomadas por essa percepção, podemos nos sentir à vontade para expormos nossos textos? Ainda assim, quando encontramos segurança e decidimos nos expor – mostrar nossos textos – algo

acontece. A exposição – não importando onde, nem para quantos – confere algo nos alertado por Margareth Rago¹⁶, inspirada por Artières: nos inscrevemos no mundo. Ao compartilharmos nossos textos, passamos a existir de um outro modo publicamente. Uma delas conta que não pode dizer que não escreve, porque, agora, tem testemunhas. Não só escrever pode ser inscrever-se no mundo, como compartilhar esses textos pode ser a oportunidade para demarcar esse território, no qual outras pessoas podem testemunhar nossa existência. Desse modo, apesar das inseguranças causadas pela exposição, há um acontecimento no colocar-se, pois entramos em contato com o mundo e o mundo conosco, principalmente quando há algum reconhecimento de nossos textos pelas pessoas que nos circundam. A questão do coletivo será debatida mais adiante, tanto na parte da importância do coletivo quanto no apontamento sobre o curso Travessias.

Uma parte do Capítulo 3, Caderno 1, levantou a discussão do que é a escrita de si – lá, eu suspeitava que, ultrapassando o sentido documental das cartas e dos diários, aproximando-me tanto de Derrida quanto de Heliana de B. C. Rodrigues, citados anteriormente, boa parte do que escrevemos – eu e as participantes – poderia ser chamada de escrita de si, ainda que se encaixe em diferentes gêneros textuais. A escrita na qual ocorre um processo de constituição de si mesma não está restrita aos gêneros geralmente atribuídos à escrita de si. Esse processo fica evidente ao longo de quase todas as entrevistas, principalmente naquelas em que as participantes estão há mais tempo pensando sobre a própria escrita: “‘Invento para me conhecer’, que é uma frase do Manoel de Barros, eu acho que isso é o que organiza a escrita para mim, traduz a escrita para mim: eu pra inventar, preciso escrever”. Para essa participante, a própria existência está relacionada à escrita. Para outra, “eu produzo uma escrita e ela me produz de volta”, e, para outra ainda, “é o que me mantém viva. Quando começo a ganhar corpo, esse corpo escreve.” Nesses três exemplos, há essa associação direta entre escrever e produzir a si mesma e nenhuma delas está encerrada nos gêneros documentais geralmente atribuídos à escrita de si: uma escreve prosa poética; outra, texto acadêmico; e a última, poesia. Esse texto que você, leitora, leitor, está lendo agora, chamado de relatório ou dissertação de mestrado, não é algo plano ou linear. Conforme eu o escrevo, eu me modifico e, ainda que haja a formatação acadêmica, ao compô-lo, me componho também – não só no processo de tornar-me mestre, mas, principalmente, como alguém que já não é mais a mesma que, há dois anos, entrou no Mestrado. A escrita de si, talvez, não possa ser atrelada a um gênero específico, a escrita de si talvez não seja somente cartas, bilhetes, diários; talvez, possa ser aquela que,

¹⁶ Margareth RAGO, 2013.

independentemente do gênero textual, cria *territórios de liberdade*, onde alguma autonomia é alcançada, onde cada uma não cristaliza quem é, mas possa inventar continuamente a si mesma.

Territórios de constituição de si

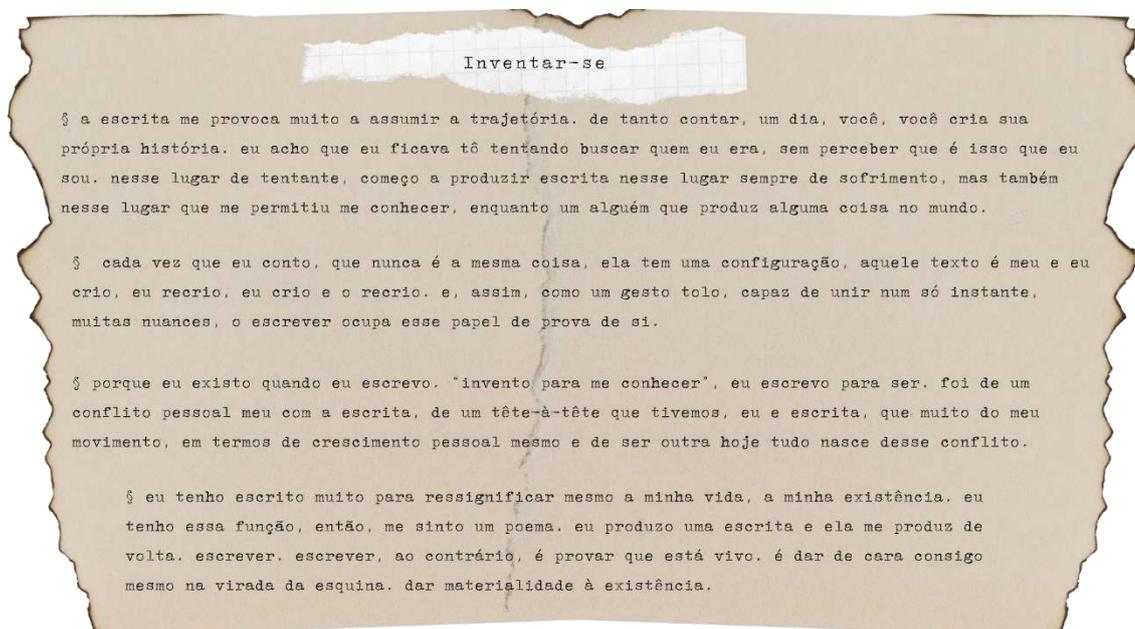
Inventar a si mesmas é justamente a questão dos processos de subjetivação e da autoeducação. Aqui, aproximo Foucault de Steiner, em manobra arriscada, tendo consciência da distância não só temporal, mas principalmente ontológica. É bem óbvio que esses filósofos possuem teorias distintas e partem de princípios quase opostos. Se colocados juntos em uma sala, é provável que discutissem. Eu, como aquela mãe que quer que as crianças se entendam, buscaria mostrar como suas diferenças, na verdade, pode aproximá-los¹⁷. A preocupação de Foucault era próxima da de Steiner: ambos percebiam uma influência da sociedade no modo individual de viver e de existir. Ao trazer as discussões da ética, Foucault se aproxima das discussões acerca da liberdade proposta por Steiner: os dois buscavam saídas para que cada ser humano fosse capaz de constituir a si mesmo. Mas, mais do que isso, ao estudarmos a ética foucaultiana e a steineriana, fica perceptível o quanto ambos olharam na mesma direção – a da ascensão da antiguidade greco-romana. Assim, o que proponho aqui, consciente dos abismos entre os dois, é a percepção de que a autoeducação é um processo de subjetivação, não vigiável, como trazido por Foucault. Ao mesmo tempo e inversamente, esses processos de subjetivação podem ser considerados como uma autoeducação, já que há uma implicação individual de tornar-se quem é, em uma prática de liberdade. Tanto em um quanto em outro, há um movimento individual de constituição de si que não se separa do encontro com o coletivo e não encontra um fim – em ambos, não é encontrar uma essência, mas, a cada momento, nas dinâmicas da vida, criar um modo de existir sem se sujeitar ao domínio externo.

Voltando para nós, mulheres, e para as questões dessa pesquisa, percebo o quanto essas teorias são fundamentais para nós. Durante milênios, temos sido objetificadas e é preciso que, junto à luta coletiva pela garantia de nossos direitos, sejamos capazes de nos constituirmos livremente. Assim, a escrita assume a função de colaborar para que esse processo ocorra. É essa a pergunta dessa pesquisa: como se dá esse processo através da escrita. E essa questão ficou evidente ao longo de todas as entrevistas e rodas. Ao contar como se relacionam e qual o papel

¹⁷ Na verdade, não existem trabalhos conhecidos que fazem essa aproximação entre Steiner e Foucault.

da escrita na vida delas, fica claro o quanto o ato de escrever pode ser também um ato de constituição de si.

Figura 31 – Falas misturadas das participantes, tema Inventar-se.



Fonte: Da autora, 2022.

É sempre preciso um cuidado para não transformar o ato de escrever em salvação universal. A escrita pode ser um *território de liberdade*, tanto quanto pode não ser. Para algumas, há uma luta e um sofrimento enorme: elas querem escrever, gostariam de se dedicar mais, mas não conseguem – e esse “não conseguem” não significa ser um limite pessoal ou algo que lhes falta. É preciso lembrar de todos os fantasmas que transformam esse território em cemitério das sombras do passado aos limites materiais de ser mulher. Como em toda arte, há uma idealidade em torno do ato de escrever – uma certa crença de genialidade, de dom, de algo inalcançável para a maioria. Esse mito – que acaba sendo reforçado pelo modo como a sociedade se organiza, mas também pelo cânone – nos afasta da possibilidade de criar esse território para nós mesmas.

Na lida com seus textos, é interessante perceber que, quanto menos fantasmas, maior é o processo de subjetivação através da escrita. Conforme vão se modificando para lidarem e assumirem seus textos, as participantes vão abandonando as idealidades, livrando-se do peso do cânone, trazendo para a escrita uma leveza maior. No Capítulo 2, caderno 1, cito o caminho apontado por Norma Telles para que as mulheres comesçassem a se enxergar como autoras. No relato das participantes, é possível perceber uma trajetória semelhante – tanto a colocada por Norma, quanto a apontada por Jonas Bacha Junior e Juliana de F. Dias, no Capítulo 4 – nem

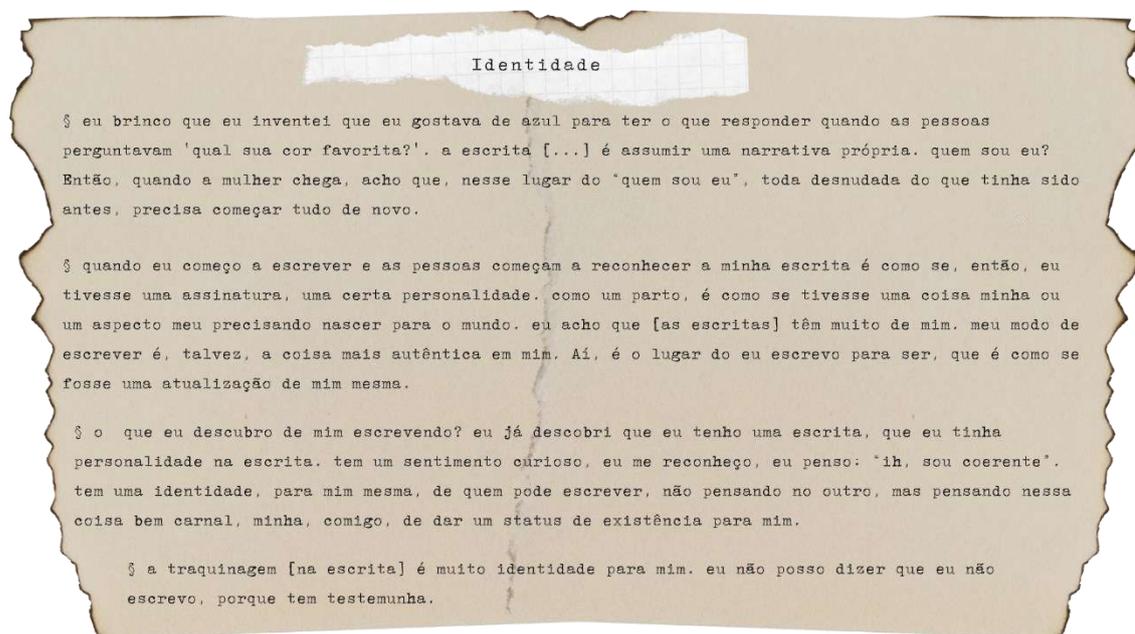
sempre linear, em que, paulatinamente, a escrita vai sendo autorizada. Em um primeiro momento, os fantasmas precisam ser enfrentados: algumas relatam como, no início, isso as atrapalhava – preocupavam-se demais com uma certa formatação do texto, comparavam-se a outras pessoas. Passada essa fase, começam a aceitar melhor suas escritas, compreendem que o “erro” faz parte, como dito por uma delas; começam a perceber que podem se colocar no que escrevem. Em seguida, vem não só uma compreensão da escrita como processo – escrever, reescrever –, como também começam a perceber uma certa identidade em seus textos. Finalmente, algumas relatam uma percepção de um estilo, autorizando-se e assumindo essa “identidade textual”. Essas fases não necessariamente são lineares e, como falei, nem sempre acontece nessa sequência; não estão dadas, nem garantidas: algumas vezes, voltamos ao começo, mesmo já tendo constituído um território. De qualquer modo, é perceptível a necessidade de se autorizarem a escrever e do quanto a mudança em suas relações com a escrita é reflexo de/reflete-se em uma mudança também de quem são.

Assim, conforme se relacionam melhor com seus textos, muitas delas passam a se perceber também – a questão da identidade transborda em seus textos, sendo esses autorreferentes ou não. Não necessariamente é o conteúdo dos textos que se relaciona à subjetivação, mas é o modo como se colocam no texto, como organizam as palavras e, principalmente, como cada uma legitima suas escritas que colaboram com a construção da identidade. Uma delas diz gostar dos textos em que se sente “nascida”, nessa imagem, ela traz mais adiante na conversa, uma inquietação relacionada à função da escrita: “se a escrita é uma função mesmo, assim, de me fazer nascer, vai que, então, um dia eu tô nascida”, dizendo que o dia em que tiver nascido por completo, em um encontro com sua identidade, talvez, ela pare de escrever, sendo muito irônica. Na produção de textos, uma produção de si, em uma perspectiva de identidade que não se fecha em si mesma, que não finda. Ao longo das entrevistas, não aparece uma visão de identidade encerrada, cristalizada, que deve ser alcançada – pelo contrário, elas relatam uma construção de algo que não para de acontecer. Para uma delas, depois de anos em crise por achar que não tinha uma identidade bem definida, descobre que o que mais gosta é, justamente, o processo de se constituir e não a definição de uma identidade única, encerrada. O que parece também é uma coerência, e não uma finalidade.

Conforme limpamos o terreno, preparamos a terra e plantamos, nosso território vai ganhando contornos, uma certa aparência (a qual, inclusive, pode mudar, seja pela estação do ano, seja pela vontade da jardineira). O cultivo desse território nos ajuda na criação de

identidades possíveis, com a escrita espelhando os movimentos interiores, mas sem concretar o solo, o qual perderia sua qualidade.

Figura 32 – Falas misturadas das participantes, tema Identidade.



Fonte: Da autora, 2022.

As fronteiras: como o coletivo compõe território

A escrita, nos relatos de todas nós, vai adquirindo essa função de colaborar com nosso processo constitutivo. Através do enfrentamento daquilo que nos impede de escrever, por exemplo, muitas relatam o quanto essa não é uma questão individual. Esse é um ponto interessante, pois, apesar dos diversos problemas relacionados à exposição, quando começam a publicar seus textos – seja nas redes sociais, na academia ou mesmo ao compartilhar em grupos de escrita – o processo é intensificado, como foi discutido anteriormente.

O ambiente da troca, a chegada desses textos no coletivo, parecem colaborar muito para uma autorização interna da escrita. Algumas delas relatam a importância desses momentos, não só no Travessias, mas nos ambientes em que podem expor seus textos. Primeiro, porque percebem que as angústias que carregam não são só suas; segundo, porque se surpreendem com os textos das colegas, mas também com a reação das colegas a seus próprios textos. E, por último, porque começam a perceber um estilo – um jeito – de escrita de cada um. Mais uma vez é necessário um cuidado – apesar de várias relatarem a importância desses momentos, também

há o relato de escutar os textos alheios e se sentir pior, achar que o próprio texto não está bom. Isso é algo que, como professora do Travessias, eu costumo escutar, chegando ao caso de ter uma aluna que passava mal nos encontros em grupo, tendo preferido fazer o curso apenas no particular, pois se sentia extremamente diminuída ao escutar os textos das colegas.

A autorização para a própria escrita passa por nós mesmas, mas também passa pelos outros, não somente em grupos de escritas, mas por alguém considerado uma “autoridade”. Que lugar pantanoso esse, entretanto, bem verdadeiro: várias participantes relatam a importância de terem sido “autorizadas” por mim; ao mesmo tempo, eu percebo em mim mesma a necessidade de ser autorizada pelo meu orientador, pelas mulheres participantes da pesquisa, pela banca e por outras pessoas que considero importantes. Se, por um lado, essa é uma necessidade perigosa, pois, ao depender do outro para nos validar, corremos o risco da sujeição; ao mesmo tempo, por outro lado, tanto no cuidado de si, quanto na autoeducação, a figura do outro é extremamente importante para nos constituirmos, já que somos seres sociais. Assim, aparece uma questão de difícil resposta: como que, no encontro com o outro, cada uma de nós é capaz de encontrar força, de aumentar nossa potência (na trilha de Espinosa) e não se sujeitar a percepções cristalizadas, a não se deixar entristecer por visões tão diferentes? Eu não tenho certeza da resposta. Intuo apenas. Voltando à imagem do território, penso em fronteiras permeáveis, capazes de bloquear invasões e, ao mesmo tempo, capazes de permitir a troca com o mundo, como em uma osmose. Com isso, percebo o quanto é necessário que esse território esteja mais consolidado, fortalecido em nós: quanto mais conscientes estivermos de quem somos, tanto mais estaremos prontas para lidar com o coletivo. Concomitantemente, é no encontro com o mundo que podemos nos fortalecer, percebendo nossas singularidades e nossas aproximações, o que nos leva à discussão anterior sobre os perigos e as vantagens. Talvez, por isso, insisto para que cada uma encontre espaços nos quais se sinta segura e que possa compartilhar seus textos com pessoas que as apoiarão. Como professora, percebo que esse passo deve ser feito com cuidado, pois, dependendo da maneira como os textos são recebidos, corre-se o risco das pessoas desistirem de escrever ou de mostrarem-se novamente. No acolhimento umas das outras nos grupos do Travessias, tenho percebido como a gentileza é um gatilho muito melhor do que a imposição de regras ou técnicas, principalmente para aquelas que estão começando.

A dimensão subjetiva em um território de afetos

Na composição desse território, a escrita parece ter função importante para várias de nós: através do desejo de escrever, precisamos enfrentar questões que estão além do próprio ato de organizar símbolos em uma folha em branco. Ao decidirem escrever, muitas percebem que lidar com esse ato ultrapassa as questões das normas e deparam-se consigo mesmas, o que demanda um processo autoeducativo.

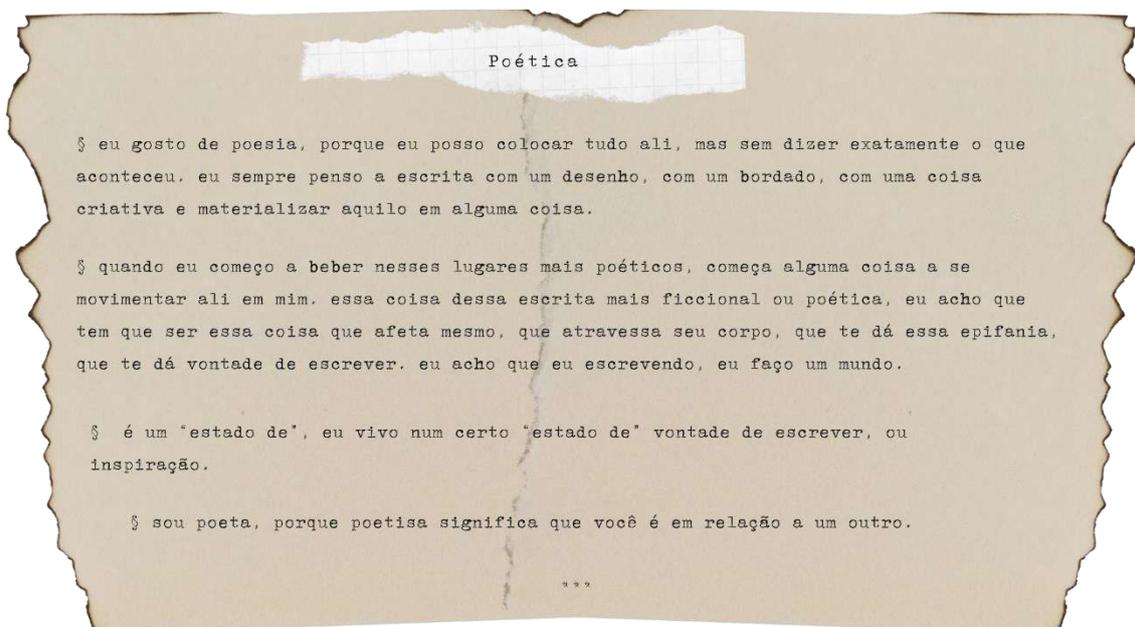
É importante trazer um ponto: a escrita, para nós – eu e as participantes – tem algo subjetivo. Escrever não é apenas um ato mecânico, encerrado em si mesmo. Ao articular palavras, articulamos nós mesmas. O que nos leva a escrever é quando algo nos afeta e não somente o texto por si só, algo bem evidente nas conversas. Nossos territórios constituem-se por afetos, no sentido que Espinosa atribuía à palavra afeto: algo que nos move, nos desloca. Atravessadas pelos afetos, chegamos ao papel. Se nos aproximarmos de Steiner, o ato de escrever, para nós, passa fortemente pelo sentir (o que não significa se reduzir a ele) – é através desse sentir que organizamos nossos pensamentos na escrita, algo relatado por várias participantes (inclusive por aquelas que nunca leram Steiner), sem perder a qualidade de nossos textos. Por isso, ao fazer essa observação, corro um risco – outro, para variar – de parecer afirmar que a escrita das mulheres poderia ser somente subjetiva ou tratar somente dos sentimentos. Não é isso que quero afirmar. O fato de (algumas) escrevermos a partir dos afetos não torna o texto – o resultado – menos objetivo. É difícil não universalizar, é difícil sair das dicotomias. Essas palavras foram tão gastas que, ao utilizá-las, o sentido some. Pode ser que nossa escrita exponha mais de nós mesmas, diferentemente de textos em que o autor está escondido atrás de uma (falsa) objetividade. Não há discurso neutro, o que significa dizer que não é possível uma objetividade textual absoluta. Ao contrário do que muito se difunde, um texto que traz uma marca subjetiva não perde sua qualidade por isso, desde que cumpra com o objetivo ao qual foi destinado. Para escrever essa dissertação, mergulhei nas palavras das entrevistas, das rodas, das teorias, passei muitos dias me deixando ser afetada por tudo o que foi dito. Sento-me defronte a um jardim verde de primavera, coloco uma música que gosto, e começo a escrever, tomada pelos afetos produzidos por todo o material da pesquisa. É assim que a escrita acontece em mim – há algo muito subjetivo permeando a escrita objetiva desse relatório, o que não diminui a qualidade do trabalho.

Essa perspectiva subjetiva diz menos de uma opinião, de uma *doxa*, e diz mais de uma situação que se torna relevante e nos leva a escrever. A escrita relacionada aos afetos não é a dos coraçõezinhos no canto das páginas (mas poderia ser), a escrita subjetiva da qual falo é

aquela em que há um acontecimento que desloca o sujeito – o eu – e nos leva ao gesto da escrita, como apontado nos trabalhos tanto de Claire Petimengin e Michael Bitbob, quanto no de Natalie Depraz¹⁸. Por isso, escrita de *si* e não escrita do *eu*, porque não quer dizer de um ego inflamado que se põe a louvar ou lamentar a si mesmo. A escrita de *si*, subjetiva, diz de um processo que ocorre nesse sujeito e o leva a escrever – sobre o processo, sobre o acontecimento, sobre outras coisas, até sobre si mesma, mas carregado de construção e não de exaltação egóica, como bem pontua Margareth Rago¹⁹.

Talvez seja por isso que muitas de nós trazem uma perspectiva poética para a escrita. A poética relaciona-se a esse aspecto do mundo que nos toca, nos sensibiliza – às vezes, se traduz em poema (poesia), outras, em textos de gêneros variados, mas carregados dessa dimensão. Nessa poética, poderia estar presente a erótica tão enfatizada por Audre Lorde – há uma vontade de erótica em muitas de nossas escritas, nos quais trazemos esse amor, essa paixão, traduzido poeticamente.

Figura 33 – Falas misturadas das participantes, tema Poética.



Fonte: Da autora, 2022.

¹⁸ Claire PETITMENGIN ; BITBOL, 2009; Natalie DEPRAZ, 2001.

¹⁹ Margareth RAGO, 2013.

Da autoridade à autora: assumindo o território

Voltando à Derrida: não é possível separar o autor de sua obra – a subjetividade, ainda que bem escondida, sempre permeia a obra. Nos relatos, a dificuldade de algumas é justamente desse lugar em que não cabemos, em que não podemos aparecer. A discussão da autoria vai justamente por esse caminho. Apesar de quase todas elas não utilizarem a palavra “autora” para se referirem a si mesmas, apenas nossa poeta, todas dizem da importância de uma assinatura, mesmo que seja um pseudônimo. Toda a discussão do Capítulo 3, Caderno 1, sobre a função do autor reverbera nas conversas, já que, como mulheres historicamente silenciadas, não faz sentido, agora que podemos assumir nossos textos, pensar que o anonimato seja aceitável – a não ser quando há uma produção coletiva ou a proteção individual, algumas colocam. Mesmo que, supostamente, um autor não importe, se levássemos aquele pensamento adiante, a autoridade em um texto está sendo sempre questionada, no sentido de que, ao dizermos algo, precisamos ter alguma autoridade no assunto. Além disso, como colocado por uma das participantes, o autor parece não importar até que haja um plágio: nesse momento, o autor morto se levanta e vem em busca de clamar a autoria de seu texto. Um ponto fundamental nessa questão é de que, em boa parte da sociedade, uma mulher nunca é considerada uma autoridade.

A relação entre as palavras autor e autoridade não era algo que eu tinha feito até uma aula em uma disciplina do mestrado, na qual o professor trouxe a proximidade entre elas. Alguns dias depois, em um acompanhamento individual com Jaca, ela relatava um incômodo com um texto e nossa conversa enveredou para essa questão da autoridade e da autoria. No instante em que ela percebeu essa relação, o texto ganhou outro sentido: ainda que ela não se visse como autora, no sentido da profissão, ela era capaz de se perceber como autoridade do que estava escrito. Nesse momento, percebi a relevância da noção de autoria na discussão sobre a subjetivação através da escrita. Essa foi a razão pela qual eu trouxe esse debate a esse trabalho tão fortemente. Autoria é a qualidade ou a condição do autor (Oxford Language). Autor e autoridade possuem a mesma origem etimológica: *auctus*, participio passado do verbo *augere*: aumentar, fazer crescer. Autor vem de *auctor*, o que aumenta, fundador, mestre, líder; literalmente, significa “o que faz crescer”²⁰. Por que misturo os conceitos? Durante séculos, nós mulheres não fomos vistas como autoridades, nem como criadoras (éramos receptáculos). Ao nos deparar com nossos textos, não conseguimos nos dizer autoras porque não cremos ter

²⁰ <https://origemdapalavra.com.br/palavras/autor/>

autoridade para fazer tal afirmação. Para nos enxergarmos como autoras, precisamos nos enxergar como autoridades. E aqui se faz um nó danado.

Por um lado, a autoridade é algo que vem de fora para dentro – são os outros que afirmam que somos autoridades em algo, através de um título ou não, mas sempre relacionado a uma posição de poder, de destaque, com um (suposto) conhecimento profundo daquele assunto. Mas não é esse o ponto desse trabalho. Assumir-se como autora aqui vai além do quanto sabemos (ou não) sobre determinado assunto (externo a nós). Se, através daquele texto (nos criamos), se somos nós implicadas naquelas palavras, então, somos autoras, mais do que isso, somos a autoridade de nós mesmas. E, nesse ponto, encontro-me com o processo de subjetivação e a autoeducação: ao (nos) escrever, inventando a nós mesmas nesse processo, tornamo-nos autoras, autoridades de si, somos aquelas a fundar a nós mesmas naquele texto. O gesto é que possamos, nesse território de liberdade, sermos autoridade. O sentido original dessas palavras dialoga ainda mais com o que vimos discutindo – autor como o que faz crescer: plantar palavras nessas terras, fazer crescer a si, nossas escritas, nossos corpos. A autoria seria, então, a palavra que traduz todo o processo discutido nessa pesquisa. A autoria traz o sentido da criação, afastando-se das sujeições. Tiremos dessa palavra o sentido de um lugar a ser alcançado e atribuamos à noção do processo, tão fundamental à escrita.

Um curso de escrita como território

A proposta dessa pesquisa era investigar os processos de subjetivação de mulheres que passaram por um curso de escrita, o Travessias Textuais. Eu hesitei em escrever sobre o Travessias nas análises – afinal, qual é a relevância acadêmica de um pequeno curso de escrita? No entanto, percebi em mim os fantasmas dos quais falo tão mal. É óbvio que, em universo com milhares de mulheres, um curso que ainda não alcançou nem uma centena pode, realmente, parecer irrelevante. Então, me dei conta da relevância do curso não para a academia, mas para nós – eu e as participantes, o que fez com que eu decidisse escrever a respeito das nossas conversas sobre ele.

O desenho inicial do curso nasce da soma de uma ânsia minha com uma demanda externa, como descrito no Capítulo 5, Caderno 1. O que não relatei lá – e conto aqui – é que o processo de fazê-lo acontecer no online se assemelhou a tudo o que relatamos sobre a escrita. Faço uma digressão. Na década de 1970, divorciada e precisando de dinheiro, minha avó, na época com cerca de 38, 39 anos, se perguntou qual era o trabalho que mais lhe dava medo: as vendas, pois era muito tímida, por isso, decidiu ser vendedora. Minha mãe conta que ela passava

noites decorando fichas para saber o que falar para os clientes. Em maio de 2020, no começo da pandemia e sem perspectiva do que aconteceria a seguir, eu me lembrei da minha avó e decidi encarar meu maior medo: gravar vídeos e me expor na internet. Eu temia ser tomada como uma fraude, mas decidi encarar a situação como havia feito minha avó, 50 anos antes. Assim, nasce o curso Travessias Textuais. Ainda hoje, quando recebo os retornos sobre meu trabalho, não sei lidar direito, às vezes, quase duvidando de que eu mesma fui capaz de criá-lo.

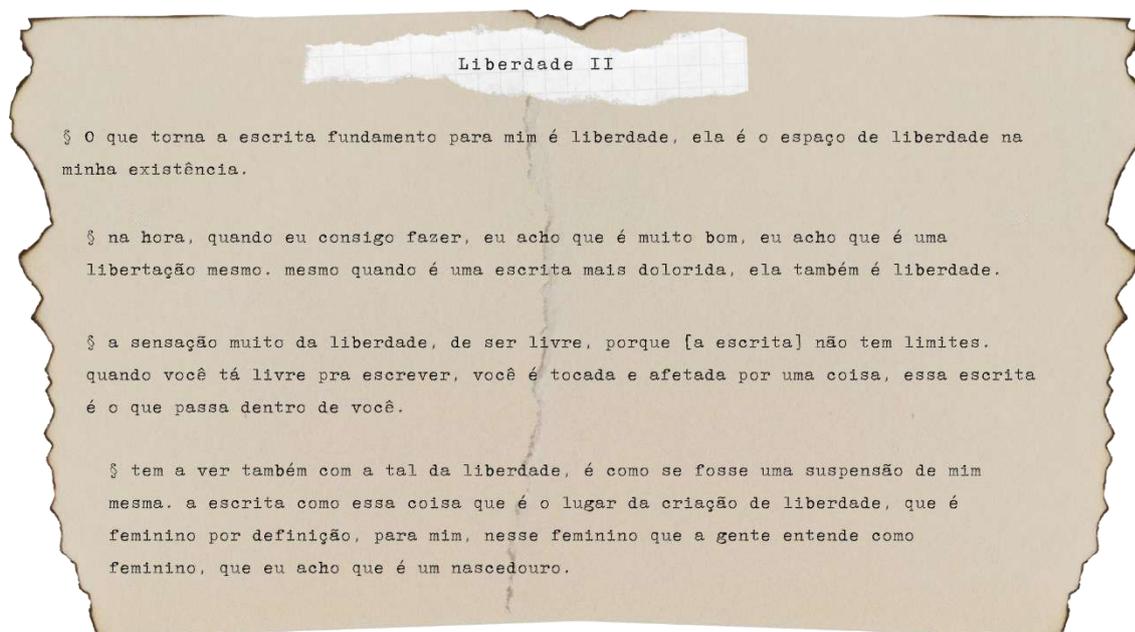
Nas entrevistas, eu fiz somente uma pergunta com relação ao curso, a qual investigava mais como a relação delas com a escrita se deu depois do curso do que se tinham gostado ou não. Nas conversas com as participantes, o Travessias apareceu em diversos momentos, mesmo quando não relacionado à pergunta – para várias delas, o curso desempenhou um papel importante na legitimação de suas escritas. Essa foi uma pergunta difícil de se fazer, e acredito que difícil de responder também – duas delas disseram ser difícil falar do Travessias, mas não em um tom ruim. Também foi difícil de escutar – tanto pela sensação de onde eu falhei como professora quanto pela dificuldade em escutar elogios. De qualquer modo, nenhuma respondeu à pergunta de forma objetiva e direta. Mas todas trouxeram as várias contribuições que o curso teve nas suas relações com suas escritas.

Como dito anteriormente, duas delas dizem da dificuldade em falar do curso. Uma, por estar relacionado ao processo de escrita da tese e por sua busca em “escrever melhor”. Ela destaca como o curso ofereceu outros modos de pensar e vivenciar a escrita, o que contribuiu com seu doutorado. No entanto, ela relata que chega no curso com uma expectativa grande para escrever uma narrativa e sente que não conseguiu fazer, não se sentiu satisfeita com a história que criou. Essa não é uma dificuldade só dela: boa parte das alunas que passa pelo curso relatam a mesma coisa. Acho que os motivos são vários e não cabem aqui, mas, de modo geral, acredito ser uma mistura de condução (minha) junto às questões de tempo e escrita (do mundo, da vida), e de uma exigência interna (delas). A outra participante que relata ser difícil falar do Travessias traz essa observação porque ela costuma se emocionar quando fala do curso. Para ela, a vivência trouxe muitas contribuições – os encontros em grupo, a descoberta do próprio estilo de escrita, a percepção de uma consistência e uma densidade em seus textos. Ela destaca a questão da autorização para a escrita. Isso foi algo que outra participante trouxe também: antes do curso, ela dizia não gostar de escrever (mesmo escrevendo diariamente) e foi através do Travessias que passou a se autorizar.

Essa mudança no olhar aparece em outras falas também: muitas contam como tinham uma percepção diferente de seus textos antes do curso e, aí, aparecem relatos sobre aprender que podem errar, que podem escrever a partir da vida – encontrar outros “disparadores de escrita”. O curso também foi visto como um “ombro amigo” para uma delas e uma “terapia da escrita” para outra. A questão da troca e da escuta que acontecem nos encontros em grupo também foi muito importante para muitas delas. A pandemia apareceu bem forte nessas respostas. Das nove entrevistadas, sete fizeram o Travessias durante o período mais crítico da pandemia, entre julho de 2020 e julho de 2021, e duas participantes fizeram o curso no ano de 2022.

O que ficou visível é que o curso trouxe a possibilidade de vivenciar a escrita de outros modos, seja por se sentirem autorizadas a escrever, seja por poder contar com a escrita como algo terapêutico. Assim, percebo que os cursos de escrita, principalmente quando há uma liberdade de criação, acolhimento e momentos de troca, podem colaborar com a construção desse território de liberdade que a escrita constitui, contribuindo para que o processo de subjetivação e a autoeducação ocorram.

Figura 34 – Falas misturadas das participantes, tema Liberdade II.



Fonte: Da autora, 2022.

A escrita, como foi sendo trazido ao longo dessa sessão, não é uma ferramenta qualquer para nós. Ela pode constituir um território de liberdade, no qual, ao cuidarmos dessa terra, com

autonomia, passamos a perceber que somos autoras de nossas palavras, inventando não somente textos, mas a nós mesmas nesse gesto. As discussões teóricas levantadas no Caderno 1, articuladas às falas das participantes, fundamentam o quanto é possível pensarmos o simples ato de escrever um texto como um gesto fundador de si, algo urgente às mulheres, as quais são sistematicamente violentadas e silenciadas, distanciadas de se si mesmas. Nesse sentido, assumir-se como autoras de nossos textos passa a ser ato revolucionário, capaz de criar alguma esperança.

8.3 PARA ONDE FUGIMOS

Todo mapa rizomático possui linhas de fuga. Não se confunda: essas linhas não necessariamente são deslocadas das linhas duras e das maleáveis. Às vezes, sim; às vezes, não. Entre aquilo que nos endurece e aquilo que nos interpreta, criamos rotas para escaparmos – o que nada tem a ver com falta de coragem ou de entendimento, necessariamente – as linhas de fuga são as saídas que encontramos ou que surgem como possibilidade de criação ou chegada em outros territórios. As linhas que trago aqui como fugas são assim chamadas por não estarem diretamente relacionadas aos objetivos do trabalho – a pesquisa não tinha intenção de saber o porquê eu crochetei, nem como foi a pandemia ou de deusas que apareceram nos dias das rodas. No entanto, vários desses assuntos foram extremamente importantes para a construção dessa pesquisa. Primeiro, porque, nas fugas, algumas percepções ficaram mais óbvias, segundo, porque, em trabalho cartográfico, não nos interessam somente as respostas objetivas, mas justamente as multiplicações das saídas, assim como outras visões, outros olhares. Ao fugirmos, constituímos novos territórios.

Por aqui, muitas foram as saídas encontradas para lidar com essa pesquisa: eu, as participantes e nós criamos todo tipo de subterfúgio que escapava dos objetivos. Olhando para trás, percebo o quanto essas linhas contribuíram para respiros, além de encontro com outras rotas possíveis na construção desse pensamento.

Ao longo desse processo, fugi mais vezes do que gostaria de tê-lo feito. Fui para as manualidades: fiz echarpe de tricô e escrevi um memorial tricôtex. Fiz 600 hexágonos de crochê, em sonho de manta ainda em processo, para conseguir organizar pesquisa-pensamento-texto. Escrevi um diário de mestranda, na construção de um espaço em que pudesse elaborar pensamentos, reclamar e elogiar a vida acadêmica e me derramar em afetos e desafetos com autores e autoras. Escrevi toda a pesquisa à mão, tornando o tempo cronológico meu inimigo,

mas com a possibilidade de formular melhor minhas ideias. Fiz desenhos e mapas. Fugi para as planilhas – organizei as escritoras, construí uma linha do tempo, contei as palavras das entrevistas e das rodas, fiz gráficos de silêncio, pausas e elaborações. Gastei lápis de cor, impressões, post-it, marcadores de páginas em organizações sem fim de todo o material – livros, artigos, conversas, diários. Tudo fuga. Será? Tudo construção e mergulho em um território que achava não ser meu, mas que, nessas rotas, acabei por constituir-lo. Todos esses movimentos – talvez estranhos a alguns lugares – foram abrindo espaço para que eu me compusesse como pesquisadora. Me aproximou da teoria, me mergulhou nas palavras das participantes, me deu ideias para a construção do texto da dissertação.

As fugas não foram só minhas. Nas entrevistas, muitas linhas inesperadas para a pesquisa apareceram – e, talvez, merecessem um pouco mais de tempo do que darei aqui. Uma delas foi a pandemia. Das 10 participantes, oito cursaram o Travessias durante o pico da pandemia, entre 2020 e 2021. Ainda assim, das nove entrevistadas, somente uma (que cursou em 2022) não tocou no assunto. A pandemia aparece tanto como o momento em que ficamos desorientadas, quanto como a época em que a escrita apareceu, reapareceu ou “a escrita me salvou de tudo aquilo”, como uma delas coloca. Duas delas tiveram Covid durante o curso, uma conta como as sequelas atrapalharam (e ainda atrapalham) sua escrita, pois sua memória ficou muito ruim; outra relembra de um texto sobre o olfato perdido ao adoecer. Esse período foi algo que causou uma “seca” – não conseguir escrever – para uma delas e produção de diários para outras. Para aquelas que escreveram nessa época, a escrita parece ter sido a possibilidade de fuga de um mundo pandêmico, em um país completamente negligente, com a insegurança, o medo e a necessidade de vacina pairando sobre todas nós. É importante lembrar que a versão online do Travessias surge em julho de 2020, época em que tudo estava suspenso e fechado e que não tínhamos ideia do que aconteceria: o próprio curso online foi a criação de uma rota para a possibilidade de sua continuidade. Nessa questão do mundo virtual, a internet e as redes sociais também apareceram nas conversas – ora como espaço onde gostariam de estar, ora como onde começaram a expor seus textos e ganharam algum reconhecimento. A internet tem tido um papel importante na publicação e divulgação do trabalho das minorias, incluindo as mulheres.

Outra linha de fuga nas conversas foi o trabalho, seja diretamente associado à escrita, como o acadêmico, seja por compor com as histórias individuais: às vezes, como um lugar de incômodo, outras como de alegria. O trabalho, para algumas delas, foi colocado por aquilo que dificulta a escrita; para outras, era na profissão que se sentiam realizadas, diferentemente da

relação que tinham com seus textos. Um outro tema que apareceu nessas linhas foi a maternidade – por quase todos os lados, com perspectivas muito diferentes: a maternidade como o que atrapalha; como o que levou algumas à escrita; ou mesmo como o que sujeita a mulher. Nessas linhas, tanto as relações com os filhos, quanto a relação com mães, avós, tias; tanto a identificação com a maternidade, quanto a distância desse papel. A perda de um dos pais também apareceu, em relatos de como a escrita colaborou no processo de luto.

Nas rodas, também fugimos. Fugi eu, chegando às rodas com deusas comemoradas naqueles dias. Apareceram gatos em colos e mesas das participantes. Apareceu a notícia de mulheres espancadas pelos maridos, as opressões sofridas por nós, nossos fingimentos e de nossas mães e avós, a imposição de uma feminilidade, as manualidades ora como opressão, ora como libertação. Nas rodas, tudo o que parecia linha de fuga, na verdade, parecia ser a sombra da pergunta “o que a escrita diz de nós e o que nós dizemos da escrita?”, pois, muito mais do que a escrita, o tema mais discutido nos dois encontros foram as mulheres. Nossas relações, nosso modo de estar na sociedade, as questões de raça e classe, a educação dos nossos pais. Falamos da escrita, mas falamos muito mais da condição de quem escreve. Fugimos – aparentemente – na busca por compreender essas questões e poder fundar outros territórios, menos opressivos.

Crio uma linha de fuga nesse momento do texto – ou gostaria de criar: fujo das interpretações ou gostaria de fugir. Ao falarmos de outros assuntos que não imediatamente os objetivos desse trabalho, criamos, como acabo de dizer, outros territórios, no qual podemos perceber questões não tão evidentes quanto uma resposta objetiva a uma pergunta. Nas linhas de fuga, encontrei as margens do território da escrita. Falar sobre a escrita pode ser prazeroso, mas pode também significar falar de dor, de abismos, de fantasmas, de opressões. E nem sempre precisamos enfrentar monstros. Algumas vezes, linhas de fuga nos permitem encontros mais alegres. Outras, tais linhas acendem as luzes e o monstro vira boneca encostada no canto da parede do quarto. E fuga nem sempre é rota de alegria: muitas vezes, a linha de fuga diz das dores, dos receios, dos medos. As linhas de fuga podem ser qualquer coisa, como dizem Deleuze e Guattari²¹, e não necessariamente trazem uma compreensão do que passa. Muitas vezes, elas apenas são. Nem cá, nem lá, nem isto, nem aquilo: linhas de fuga que surgiram sem pedir explicações, sem planejamento, mas que compõe esse trabalho tanto quanto as linhas duras da teoria e as maleáveis dos afetos.

²¹ DELEUZE, 2012.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Dá-me o mar, o meu rio, minha calçada
Dá-me o quarto vazio da minha casa
Vou deixar-te no fio da tua fala
Sobre a pele que há em mim
Tu não sabes nada*

Marcia, A Pele que há em mim (Quando o dia entardeceu)

Começamos este texto lá no Caderno 1, com minhas alunas e eu lidando com a escrita no ambiente do curso, depois nos encontramos na pesquisa e chegamos até aqui, na finalização: éramos outras, agora somos nós. Começamos essa pesquisa perguntando como nos tornamos nós mesmas no ato de escrever. Para lembrar: nosso objetivo principal era investigar como se dá o processo de subjetivação das mulheres através da escrita, sendo os objetivos secundários: investigar como se deu a história da escrita das mulheres; pensar na escrita como um cuidado de si; verificar se a escrita pode ser uma ferramenta de autoeducação. Para responder a essas questões, passamos por uma revisão teórica: foi necessário mergulhar na história das mulheres, perceber o quanto ainda carregamos o peso dos séculos passados; no entanto, não queríamos ser somente o resultado dos discursos e das dinâmicas de poder que nos atravessam, por isso, nos encontramos com Foucault e sua *Ética*, na qual, divergindo de suas teorias anteriores, ele nos propõe modos de constituirmo-nos sem que fôssemos objetificadas – a escrita de si torna-se possibilidade de criação; ainda assim, existia um aspecto importante nesse processo: a autoeducação, ao lidarmos com Steiner foi possível perceber como, para criarmos a nós mesmas, são necessários certos movimentos internos, individuais, inalcançáveis às dinâmicas de poder da sociedade. Toda essa teoria não foi aceita sem questionamentos – foi preciso trazê-las ao contemporâneo e repensar o quanto do que foi dito por tais autores ainda faz sentido para nós.

Para essa pesquisa, houve um mergulho no mundo feminino – não o dos estereótipos – já além da teoria, fomos para os encontros em entrevistas individuais e nas rodas de conversa – um universo que ultrapassa os estudos e se coloca o tempo todo entre nós: desde a dinâmica dos cuidados impostos a nós (da casa e da família), passando pelo trabalho e por todo discurso que nos chega, os quais costumam delimitar o que é e o que podem as mulheres. Assim, no Caderno 2, afirmamos quem somos – nossos “eus” e nossos “nós”: definidas, afastamos um pouco mais as sujeições. Ao nos encontrarmos no Caderno 3, desfizemos nossas amarras, nos demos conta dos fantasmas, criamos um território para nossas escritas, sabendo do cuidado e dos desafios que territórios produzidos por mulheres trazem consigo.

Ao longo de todo este estudo, estive imersa tanto no mundo das mulheres, quanto no curso Travessias, o que fez com que, muitas vezes, eu precisasse repensar o modo como estava

direcionando a pesquisa, pois apareceram perguntas antes não tão visíveis. É preciso que se diga que algumas ideias iniciais não se sustentaram: eu havia pensado em escrever um capítulo teórico para Foucault e Steiner juntos, em forma de um diálogo entre eu e os dois, entretanto, isso não se viabilizou. A vontade de dialogar ficou mais forte com as pesquisadoras contemporâneas e as participantes, em texto que se fez diferente do idealizado. Em vários momentos, eu sofri muito com a escrita, principalmente da teoria, pois ainda não sabia como me colocar diante de autoras e autores. Foi somente quando me autorizei – principalmente, depois da qualificação – que a escrita surgiu de modo menos sofrido. Também não conseguia compreender por que era um “exagero” o tamanho dessa pesquisa para um mestrado – não soube fazer diferente, mas, chegando agora ao final, fica óbvio que a quantidade de dados e teoria que assumi são um peso muito grande, ao mesmo tempo, necessário ao que me propus.

De qualquer maneira, talvez pela intimidade com o assunto – seja pela experiência pessoal com a escrita, seja pelo Travessias – muitos apontamentos deste trabalhado eu já intuía: a potência que a escrita pode operar na vida das mulheres é um deles. Ainda assim, eu não conseguia compreender nossas “travas” e não conseguia nomear nossas forças. Chegando ao final, ficou evidente o quanto ainda carregamos do passado misógino, em uma sociedade que parece distinta dos séculos anteriores, mas que ainda opera com discursos objetificadores da mulher. Ao me aprofundar na ética foucaultiana, consegui perceber a dimensão da escrita como um cuidado de si, não mais obediente à norma estabelecida, porém, vinculada a esse gesto de se fazer a si mesma enquanto escreve. Nesse sentido, a escrita acaba funcionando como uma ferramenta de autoeducação, já que nos deixa ver nossos movimentos interiores, aquilo que escapa ao olhar sempre vigilante daqueles que pretendem nos dominar. A escrita pode operar em nós uma autonomia em nosso pensar, principalmente quando damos voz a algo verdadeiro para cada uma, nos aproximando de quem somos. Enquanto lidava com a teoria e os nossos encontros, ainda não vislumbrava como afirmar toda essa potência em texto. Foi apenas ao chegar às análises, misturada às próprias palavras das participantes, tomada pelos conceitos da cartografia, que me encontrei com a ideia da escrita com um território de liberdade, no qual, cada uma é capaz de compor seu próprio, mas sendo, ao mesmo tempo, nas trocas fronteiriças, que o fortalecimento acontece. Desidealizar, enfrentar, afirmar, trocar, autorizar-se passam a ser termos necessários para a criação desse território em que não somente somos livres para escrever, mas, principalmente, para sermos quem quisermos. Quando comecei essa pesquisa, há dois anos, não havia a menor pretensão ou ideia de território. No entanto, ao desfazermos dos nós, no encontro *entre nós*, tornou-se imprescindível a criação desse lugar.

É comum aos trabalhos acadêmicos verificar se objetivos colocados foram cumpridos. A pergunta condutora é complexa e de difícil resposta direta – todo o trabalho parece mostrar como se dá o processo de subjetivação das mulheres – seja através dos discursos misóginos e canônicos que nos silenciam e nos objetificam, seja através das desconstruções feitas para que consigamos nos afirmar, autorizando-nos a nós mesmas a escrever e legitimando nossos próprios textos. A discussão sobre a escrita não é um resultado possível de ser encontrado em uma página específica desse trabalho ou de um momento único da pesquisa, pois é a processualidade que tangencia a escrita. Continuando com a ideia sobre a verificação dos objetivos, podemos dizer que os secundários também se verificaram: através do estudo da história, foi possível não só mapear quando e como as mulheres brasileiras publicam, como também criou-se uma linha do tempo das escritoras brasileiras (localizada no Anexo A); também podemos afirmar que a escrita pode, sim, ser vista como um cuidado de si, colaborando com o processo de subjetivação das mulheres ao escrever, sendo necessário destacar como os textos em que há uma implicação de quem escreve pode ser associado à escrita de si; a escrita, como foi demonstrado ao longo de todo o trabalho, também pode ser considerada como uma importante ferramenta de autoeducação, a qual acontece tanto no exercício de colocar-se no papel (e rever-se), quanto na lida com sua produção textual, além da autoeducação ser um espaço invigiável aos mecanismos de poder.

No entanto, ainda que cumpridos os objetivos do trabalho, em pesquisa que se faz cartográfica, interessam mais as múltiplas saídas do que a chegada em algum lugar: muitas questões ficam abertas nessa finalização. Uma das coisas que me inquietou nesse tempo era se o recorte de mulheres que fiz influenciava a visão que eu estava construindo. Assim, pergunto se é possível que mulheres que já publicam trazerem essas mesmas questões, assim como as que fizeram outros cursos ou mulheres que nunca fizeram curso algum. Uma outra pergunta surgiu ao construir a linha do tempo das mulheres escritoras brasileiras (localizada nos Anexos): por que não estudamos, ou por que se discutem apenas duas ou três autoras da década de 1980, das mais de 300 que publicaram naqueles anos? Será que seus trabalhos foram tão irrelevantes assim? Um outro ponto que surgiu ao longo da pesquisa refere-se aos homens: como se dão esses mesmos processos em suas lidas com seus textos? Há uma diferença? Como ocorre tal diferença? Além disso, conforme lidava com a pesquisa, junto ao meu trabalho com o Travessias, surgiu o pensamento de observar esses processos ao longo do próprio curso, pois há centenas de horas de gravação de encontros em turma e de acompanhamentos, com muitos textos produzidos pelos alunos. Também surge o pensamento de como isso se dá em outros

cursos, pois, se verifico que há a produção de subjetividade ao escrever, talvez, fosse necessário investigar como isso ocorre em outros cursos.

De todo modo, entre as muitas questões que se abriram com esta pesquisa, aquela que mais forte me tem tomado refere-se a uma *filosofia do escrever*, algo que já procurei e ainda não encontrei, mas que tenho pensado cada vez mais na sua possibilidade, pois se articularia a diversas áreas do conhecimento. A escrita como espaço de ampliação, a materialidade da linguagem, do pensamento, das sensações; escrever carrega uma dimensão talvez mais exata e complexa do que usualmente se diz. Penso – inquietação – na escrita vista como uma ferramenta: um martelo, um pincel, uma agulha, uma vassoura. Quem estuda ferramentas além dos técnicos? Quem atribui a elas qualquer dimensão filosófica? Talvez, Gaston Bachelard. Fato é que a escrita está nesse espaço entre quem a elabora e a marca no papel. A escrita não é nem exatamente a marca, nem quem a utiliza, nem mesmo a caneta ou o teclado.

Estuda-se: a história da escrita, quer dizer, a marca gráfica em superfícies diversas; estuda-se a literatura, a filosofia, a história etc., ou seja, o conteúdo das marcas; estuda-se a linguagem e a neuro linguagem, a dimensão de como o cérebro opera essas marcas; ou o discurso, como essas marcas operam nos sujeitos. Estudamos escritoras, escritores e as línguas usadas. Mas o ato de escrever, o gesto mesmo, parece banal demais para ser pensado. Não sei, talvez, eu ainda não saiba o quanto há de pesquisa sobre as implicações do ato de escrever. Afinal, quem estudaria a pincelada, a martelada ou mesmo a varrida? No entanto, quanto mais pesquiso as mulheres escrevendo, quanto mais trabalho e lido com isso no dia a dia, mais forte cresce em mim a impressão de que este ato precisaria ser pesquisado, pois há uma dimensão filosófica, talvez ontológica mesmo, no gesto da escrita, em uma necessidade de se entender o que e como. Boa parte de filósofos, filósofas, escritores e escritoras falam sobre o escrever. Deve haver pesquisas sobre os neurônios e a escrita, assim como algo na linha da psicologia e da terapia ocupacional. Mas ainda não encontrei uma filosofia do escrever. Já me deparei com a filosofia da linguagem, da educação, da ciência, mas não uma filosofia do escrever.

Penso nisso, talvez, por causa da idealidade que ela carrega no imaginário popular. A escrita como algo reservado somente a sábios, escribas, gênios. Nós, meras mortais, não. Quando uma criança está com medo do escuro, nós vamos até seu quarto, acendemos as luzes, iluminamos debaixo da cama e dentro do guarda-roupa. A escrita pode se tornar esse monstro gigante e é preciso iluminá-la para mostrar o quanto ela pode ser acessível, possível: por todo

lado, ainda que não organizado como uma filosofia, vejo pessoas – principalmente, as minorias – desmistificando a escrita.

Sugiro uma filosofia da escrita, pois, além da sua íntima relação com a história do pensamento, parece haver uma dimensão ética-estética-política nesse ato. A escrita parece fundar, naquelas pessoas que a operam, questões que ultrapassam as esferas de uma simples ferramenta, como sendo capaz de, através dela, criar conexões entre linguagem, pensamento, indivíduo e mundo, materializando relações que, antes de a escrita acontecer, ficam apenas em um plano (irreal, simbólico, imaterial, ideal?).

Quando dei início a esse texto, eu trazia a questão de como nós, mulheres, nos constituímos através da escrita, utilizando-me da ideia de nós que precisavam ser desfeitos para que pudéssemos compreender os diversos aspectos deste estudo. Ao longo do trabalho, alguns desses nós foram sendo desfeitos, em uma articulação entre teoria e prática, entre pensadoras, pensadores e nós, mulheres que escrevem. A relação entre as mulheres e a escrita se mostrou importante no processo de constituição de si, com a potência invisível da autoeducação. Assim, o que antes eram nós tornaram-se linhas a compor um território. A pesquisa mostrou a necessidade da criação desse lugar no qual nós, mulheres, podemos criar a nós mesmas, com autonomia, liberdade, tornando-nos autoras de nossos textos, mas, principalmente, de nós mesmas. Entretanto, fundar e manter esse território não é tarefa fácil, exige que estejamos atentas às invasões, aos fantasmas que podem assombrá-lo. Nesse sentido, também é inegável o quanto a sustentação desse território se torna mais fácil quando nos conectamos a outras pessoas, principalmente mulheres, as quais nos dão apoio e trocam conosco, colaborando para que tenhamos força em nosso próprio processo autoeducativo.

Ao encerrar esse texto, tenho consciência dos muitos nós não desatados. O texto finda, a pesquisa, não. Mesmo assim, não é possível esperar que todas as linhas estejam noveladas, que todas as questões da relação entre mulheres e escrita estejam resolvidas, para que se constitua um território: muitas vezes, colocamos as linhas confusas na bolsa e seguimos. Mesmo que os fantasmas digam não, mesmo que carreguemos inseguranças e desculpas, mesmo com todas as dificuldades postas às mulheres que escrevem, a nossa voz, as nossas palavras, a nossa existência precisam ser reconhecidas, em um movimento nosso de criação e afirmação de quem somos, sem deixar margem para que outros nos definam.

REFERÊNCIAS

- A PELE QUE HÁ EM MIM. Intérprete: Márcia. Compositores: Márcia. Disponível em: <https://g.co/kgs/crxwJk> Acesso em 29 nov 2022.
- ACIOLI, Socorro. Apresentação. In: WOOLF, Virginia. **Um quarto só seu & três ensaios sobre grandes escritoras inglesas**: Jane Austen, George Elliot, Charlotte e Emily Brönte. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- ADICHIE, Chimamanda N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AGAMBEN, Giorgio. **A Aventura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 18 abr. 2021.
- AQUINO, Julio Groppa. A escrita como modo de vida: conexões e desdobramentos educacionais. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 641-656, dez. 2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022011000300013. Acesso em 13 fev. 2020.
- ARAÚJO, Maria da Conceição P. Lilithes, do século XX, abrem a caixa de Pandora das Sherazades, do século XIX. **Letras de Hoje**, v. 41, 12 dez. 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/637> Acesso em: 28 mar 2022.
- ARAÚJO, Pedro Galas. **Trato desfeito**: o revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira. 2011. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- ARRAES, Jarid. **As Lendas de Dandara**. São Paulo: Editora de Cultura, 2015.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a Própria Vida. **Rev. estudos Históricas**, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.
- BACH JUNIOR, Jonas. **A pedagogia Waldorf como educação para a liberdade**: reflexões a partir de um possível diálogo entre Paulo Freire e Rudolf Steiner. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.
- BACH JUNIOR, Jonas. **Fenomenologia de Goethe e Educação**: a filosofia da educação de Steiner. Curitiba: Lohengrin, 2019a.
- BACH JUNIOR, Jonas. **Laboratório da metamorfose da alma**. Curitiba: Lohengrin, 2019b.
- BACH JUNIOR, Jonas. O processo biográfico docente e a potencialização do ensino e da autoeducação: ampliações da educação Waldorf. In: _____. **A educação Waldorf no século XXI**. Curitiba: Lohengrin, 2019c, p. 102-120.

BACH JUNIOR, Jonas. O trabalho biográfico como fonte de aprendizado: autoeducação e fenomenologia de Goethe. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 74, p. 233-250, mar./abr. 2019d.

BACH JUNIOR, Jonas. Pedagogia Waldorf ou pedagogia Mc Donald's? **Revista Jataí**, v. 2, São Paulo, 2020.

BACH JUNIOR, Jonas. [orientação] com aluna Sofia Amorim. Ribeirão Preto, maio de 2022.

BACH JUNIOR, Jonas; VEIGA, Marcelo; STOLTZ, Tania. Educação, Liberdade e Sociedade em Paulo Freire e Rudolf Steiner. **Educação em Revista**, Marília, v. 13, n. 1, p. 47-62, jan.-jun., 2012.

BACH JUNIOR, Jonas; STOLTZ, Tania; VEIGA, Marcelo da. Autoeducação e liberdade na Pedagogia Waldorf. **Educação: teoria e prática**. v. 23, n. 42, Rio Claro, SP, jan./abr. 2013, p. 161-175.

BALI, Flavia. **Etimologia é a busca de conhecimento...** Arquivo pessoal da autora, 2022.

BARROS, Laura P. de; KASTRUP Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 52-75.

BARROS, Letícia M. R. de, BARROS, Maria Elizabeth B. de. O problema da análise em pesquisa cartográfica. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Org.). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2016, p. 175-202.

BARROS, Suzane C. V., MOURÃO, Luciana. Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade. **Psicologia & Sociedade** [online], v. 30, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30174090>>. Acessado 18 maio 2022.

BECKER, Mar. **a mulher submersa**. Bragança Paulista, SP: Urutau, 2020.

BELLI, Gioconda. Conselhos para uma mulher forte. *In*: FALA FRIDA. **A poesia feminista de Gioconda Belli**, 16 set. 2020. Disponível em: <https://falafrida.com.br/feminismo/a-poesia-feminista-de-gioconda-belli/>. Acesso em: 29 nov. 2022.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Vol. 16, n. 3, Set-Dez 2000, p. 233-239.

BRANCO, Guilherme Castelo. Agonística e palavra: as potências da liberdade. *In*: BRANCO, Guilherme Castelo; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.) **Foucault: filosofia e política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 153-161.

BURMESTER, Ana Maria de Oliveira. A vida como obra de arte: o sujeito como autor? *In*: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.) **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 27-33.

CAMPOI, Isabela Candeloro. O livro “Direitos das mulheres e injustiça dos homens” de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. **História**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 196-213, ago./dez 2011.

CARTA DE AMOR. Intérprete: Maria Betânia. Compositores: Maria Bethania Vianna Telles Veloso / Paulo Cesar Francisco Pinheiro. Disponível em: <https://g.co/kgs/y9x2L2> Acesso em 29 nov 2022.

CASTANHEIRA, Cláudia. Escritoras brasileiras: momentos-chave de uma trajetória. **Revista Diadorim**. Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. v. 9, julho 2011. [<http://www.revistadiadorim.letas.ufrj.br>]

CAVALCANTE, Leopoldo. Mais de 400 escritoras se reúnem no Pacaembu para tirar fotografia histórica. **Folha de São Paulo**, São Paulo, n. 34.039, ano 102, 13 jun 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/06/mais-de-400-escritoras-se-reunem-para-registrar-pujanca-feminina-na-literatura-nacional.shtml>. Acesso em: 18 nov. 2022.

COELHO, Nelly N. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711-2001)**. São Paulo: Escrituras, 2002.

CUNHA, Maria Isabel. A docência como ação complexa. *In*: CUNHA, Maria Isabel (Org.). **Trajетórias e lugares de formação da docência universitária: da perspectiva individual ao espaço institucional**. Araraquara: Junqueira & Marin; Brasília: Capes, 2010, p. 19-34.

CUNHA, Maria Isabel. Docência na Educação Superior: a professoralidade em construção. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 6-11, jan.-abr. 2018.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Horizonte, 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina. A crítica literária em periódicos brasileiros contemporâneos: uma aproximação inicial. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 54, p. 195–209, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/10367>. Acesso em: 4 abr. 2022

DEL PRIORI, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

DEL PRIORI, Mary. **Sobreviventes e guerreiras: uma breve história das mulheres no Brasil: 1500-2000**. São Paulo: Planeta, 2020.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. **O que é filosofia?** São Paulo: 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 1. São Paulo: 34, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 3. São Paulo: 34, 2012.

DEPRAZ, Natalie. Consciousness and First-Person Phenomenology: First Steps Towards an Experiential Phenomenological Writing and Reading (EWR). *In*: MENON, Sangeetha, SINHA, Anindya, SREEKANTAN, Badanaval. (eds) **Interdisciplinary Perspectives on Consciousness and the Self**. New Delhi: Springer New Delhi, 2014.

https://doi.org/10.1007/978-81-322-1587-5_11 Disponível em:

https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-81-322-1587-5_11 Acesso em 28 nov 2022.

DIAS, Juliana de F.; MATOS, Vanessa T. de. Estudos Discursivos e Identitários em Educação: Escrita Biográfica como Caminho para Transformação. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 63–79, 2020. DOI: 10.46230/2674-8266-11-2912. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/2912>. Acesso em: 04 dez. 2020.

DIAS, Juliana de F.; BACH JUNIOR, Jonas. A escola do dia vindouro: o amor, o ritual e o espírito. *In*: DIAS, Juliana F. (org.) **No espelho da linguagem: diálogos criativos e afetivos para o futuro**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021, 15-41.

DIAS, Juliana de F.; SOUZA, Edilan K. N.; VILHENA, Caroline; REIS, Roseane C. C. L. dos; OLIVEIRA, Sila M. de; CARDOSO, Lorena E. Escrita Criativa autoral e estilística da língua portuguesa. *In*: DIAS, Juliana F. (org.) **No espelho da linguagem: diálogos criativos e afetivos para o futuro**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021, p. 42-67.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9950>. Acesso em: 31 mar. 2022.

DUARTE, Constância Lima; PAIVA, Kelen Benfenatti. A mulher de letras: nos rastros de uma história. **Ípotesi**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 11 - 19, jul./dez. 2009 Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19180> Acesso em 29 mar 2022

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. **Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si**. Rio de Janeiro: NAU/PucRio, 2009.

EDITORES ANTROPOSÓFICA. Prefácio à edição brasileira. *In*: HEMLEBEN, Johannes. **Rudolf Steiner: monografia ilustrada**. São Paulo: Antroposófica, 1984.

ENDE, Michael. **A história sem fim**. São Paulo: Martins Fontes, Editorial Presença, 1985.

ESCRITORAS vivem “Um Grande Dia” em Ribeirão Preto. Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2 set. 2022. Disponível em: <https://www.fundacaodolivroeleituarp.com/post/escritoras-vivem-um-grande-dia-em-ribeir%C3%A3o-preto>. Acesso em: 18 nov. 2022.

ESPINOSA, Baruch. **Ética**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores)

EVARISTO, Conceição. “ESSE LUGAR TAMBÉM É NOSSO” Escritora Conceição Evaristo busca vaga na Academia Brasileira de Letras. [Entrevista cedida a Ana Paula Acauan]. **Revista PUCRS**, Porto Alegre, n. 191, julho/setembro, 2019. Disponível em: <https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-tambem-e-nosso/>. Acesso em: 17 jul. 2021.

EVARISTO, Conceição. *Elas no singular*. Conceição Evaristo: Insubmissa - escrevivência. Dirigido: Fabrizia Pinto, Gustavo Ribeiro. Produção: HBO Latin America, Coiote e Primo Filmes. Brasil: HBO Latin America, 2020. online (8 episódios), son., color. Disponível em: <https://play.hbomax.com/page/urn:hbo:page:GYKLPjwnWHJ3CwgEAAAaf:type:series> [pago]. Acesso em 02 dez 2022.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FLUSSER, Vilém. **Língua e realidade**. São Paulo: Annablume, 2004.

FOUCAULT, Michel. On the Genealogy of Ethics: An Overview of Work in Progress. *In*: Paul Rabinow (ed.). **The Foucault reader**. New York: Pantheon Books, 1984, p. 340-372.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? *In*: _____. **Ditos e escritos, volume III**: Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 264-298.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **O belo perigo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. *In*: _____. **Ditos e Escritos, volume V**: Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017a, p. 141 -157.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. *In*: _____. **Ditos e Escritos, volume V**: Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017b, p. 258-280.

FOUCAULT, Michel. O Retorno da moral. *In*: _____. **Ditos e Escritos, volume V**: Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017d, p. 246-257.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal**. Sion: Institut International des Droits de 1º Enfant, p. 1-11, 2005.

GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. **Investigar em Educação**, v. 2, n. 1, 2014, p. 35-50.

GOLDBERG, Luciane Germano. Todo conhecimento é autoconhecimento: uma conversa-diálogo-manifesto por uma ciência humana autobiográfica. *In*: SILVA, Maria Betânia e; VIDAL, Fabiana Souto Lima (Orgs). **Processos de investigação em/sobre/com Artes Visuais**. Curitiba: CRV, 2021.

GRABOIS, Pedro F. Sobre a articulação entre cuidado de si e cuidado dos outros no último Foucault: um recuo histórico à Antiguidade. **Ensaio Filosófico**, v. III, abr. 2011, p. 105-120. Disponível em: http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo3/Ensaio_Filosoficos_Volume_III.pdf Acesso em 20.out.2020

GROSS, Frédéric. Situação do curso. *In*: FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo WMF Martins Fontes, 2010, p. 455-494.

HILST, Hilda. *Elas no singular*. Hilda Hilst: Obscena Lucidez. Dirigido: Fabrizia Pinto, Gustavo Ribeiro. Produção: HBO Latin America, Coiote e Primo Filmes. Brasil: HBO Latin America, 2020. online (8 episódios), son., color. Disponível em: <https://play.hbomax.com/page/urn:hbo:page:GYKLPjwnWHJ3CwgEAAAaf:type:series> [pago]. Acesso em 02 dez 2022.

HOOCK-DEMARLE, Marie-Claire. Ler e escrever na Alemanha. *In*: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. São Paulo: Ebradil, 1990, p. 167-197. (volume 4)

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Ensinando o pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020a.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020b.

hooks, bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

INSTITUTO Patrícia Galvão. São Paulo: Dados e Fontes sobre a violência contra as mulheres no Brasil. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/>. Acesso em: 18 nov. 2022.

JANE AUSTEN SOCIETY OF NORTH AMERICA (JASNA). **Timeline of Women Writers**. 2016. 1 PDF. Disponível em: <https://chawtonhouse.org/2016/04/a-history-of-womens-writing-by-a-partial-prejudiced-ignorant-historian/>. Acesso em: 30 jul. 2021.

JOHANSON, Izilda Cristina. Por uma perspectiva feminista em história da filosofia. *In*: AGGIO, Juliana; FAUSTINO, Silvia; ARAUJO, Carolina; SOMBRA, Laurenio (orgs.). **Filósofas**. Curitiba: Kottter Editorial, 2021, p. 299-322.

KASTRUP, Virgínia; GURGEL, Verônica. O papel da escrita na formação de professores e o problema da coemergência. *In*: DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde (orgs.). **Escritas de si**: escutas, cartas e formação inventiva de professores. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019, p. 60-71.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro**: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

KRUTZEN, Eugênia Correia. Discurso e autoria: a escrita terapêutica. *In*: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M.; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio. (org.) **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 123-147.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa da ficção**. São Paulo: n-1 edições, 2021.

LEÃO, Ryane. **Tudo nela brilha e queima**. São Paulo: Planeta Brasil, 2017.

LIMA, Emanuelle Valéria Gomes de; NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. Marguerite Porete e a escrita de si: entre a literatura e a filosofia. *In*: AGGIO, Juliana; FAUSTINO, Sílvia; ARAUJO, Carolina; SOMBRA, Laurenio (orgs.). **Filósofas**. Curitiba: Kotter Editorial, 2021, p. 489-510.

LISBÔA, Flávia M. Roda de conversa: metodologia na produção de narrativas sobre permanência na universidade. **História Oral**, v. 23, n. 1, p. 161-182, jan./jun. 2020.

LISPECTOR, Clarice. **Crônicas para jovens**: de escrita e vida. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010.

LISPECTOR, Clarice. **Todas as cartas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LOBO, Luiza. A literatura de autoria feminina na América Latina. **Revista Brasil de Literatura**, Rio De Janeiro, v. 1, p. 1-30, 1997. Disponível em: <https://filipe.tripod.com/LLobo.html> Acesso 31/03/2022

LOBO, Luiza. **Guia de escritoras brasileiras da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018.

McLAREN, Margaret A. **Foucault, feminismo e subjetividade**. São Paulo: Intermeios, 2016.

MEIRELES, Cecília. **Mar absoluto**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

MUZART, Zahidê L. Artimanhas nas entrelinhas: leitura do paratexto de escritoras do século XIX. **Travessia**. n. 21, 1990, p. 64-70.

OLIVEIRA, Francine M. C. **Anarquismo epistemológico em ação**: a ciência de Rudolf Steiner na perspectiva do pluralismo global de Paul Feyerabend. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Pós-graduação em Educação para a Ciência e a Matemática, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2019.

ORIGEM da palavra. [s. l.], [20--?]. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/>. Acesso em: 02 dez. 2022.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 17-31.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina B. Por uma política de narratividade. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015b, p. 150-171.

PERROT, Michelle. Prática da Memória Feminina. **Rev. Bras. de Hist.**, S. Paulo. v. 9, n. 18, p. 09-18, ago./set. 1989.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 4, p. 9–28, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1733>. Acesso em: 2 jul. 2021.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2019.

PESQUISA Violência doméstica e familiar contra a mulher - 2021. Senado Federal, Brasília, s/ d. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/pesquisa2021>. Acesso em: 18 nov. 2022.

PETITMENGIN, Claire; BITBOL, Michel. The Validity of First-Person Descriptions as Authenticity and Coherence. **Journal of Consciousness Studies**, 16, No. 10–12, 2009, p. 363–404.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores**: identidade e saberes da docência. *In*: PIMENTA Selma Garrido (Org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 1999, p. 15-34.

PUCHNER, Martin. **O mundo da escrita**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenção de subjetividade. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013.

RICUPERO, Bernardo. Fascismo: ontem e hoje. **Lua Nova**: Revista de Cultura e Política, 116, 2022. Disponível em: <http://www.cedec.org.br/fascismo-ontem-e-hoje-2/>. Acesso em: 24/02/2023.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Ensaio sobre a escrita em Michel Foucault: do belo perigo à escultura de si. *In*: DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde (orgs.). **Escritas de si**: escutas, cartas e formação inventiva de professores. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019, p. 37-59.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulinas, 2016.

ROSA, Graziela Rinaldi da. Filósofas em tempos sombrios. *In*: AGGIO, Juliana; FAUSTINO, Silvia; ARAUJO, Carolina; SOMBRA, Laurenio (orgs.). **Filósofas**. Curitiba: Koter Editorial, 2021, p. 361-382.

RUIZ, Alice. Penso e passo. *In*: AZEVEDO, Beatriz (Org.). **Poetas Contemporâneas do Brasil**. São Paulo: P-o-e-s-i-a / Unicamp, 2021.

SAMPAIO, Juliana; SANTOS, Gilney Costa; AGOSTINI, Marcia; SALVADOR, Anarita de Souza. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Interface-Comunicação**, Saúde, Educação, v. 18, p. 1299-1311, 2014.

SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini. Estilhaços depois da tempestade: divagações sobre identidade, escrita, pesquisa... *In*: SKLIAR, Carlos. **Derrida & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 97-115.

SANDER, Lúcia. O caráter confessional da literatura de mulheres. *In*: SCHMIDT, Rita Terezinha (org.). **A mulher e a literatura**. Organon: UFRGS, 1989, v. 16, n. 16, pp. 38-51.

SANTOS, Jeniffer Geraldine Pinho. Leia Mulheres: leitura literária e ressignificação da subjetividade feminina. *In*: GOMES, Carlos Magno; RAMALHO, Christina Bielinsk; CARDOSO, Ana Maria Leal. (org.) **Anais do XVIII Seminário Internacional Mulher e Literatura**. Aracaju, SE: Criação Editora. Brasil, 2019, p. 401-408.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. Apresentação. *In*: _____. **Dicionário Mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

SIEMSEN, Felicia; STOLTZ, Tania. Compartilhar o caminho interior entre educadores de forma criativa: um estudo de caso. **Revista Jataí**, São Paulo, v. 2, 2020.

SILENCIA. Intérprete: Ceumar. Compositores: Ceumar Coelho. Disponível em: <https://g.co/kgs/T4EHdj> Acesso em 29 nov 2022.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. A história da mulher no Brasil: tendências e perspectivas. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 27, p. 75-91, 1987. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i27p75-91. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/69910>. Acesso em: 28 nov. 2022.

SKLIAR, Carlos. A escrita na escrita: Derrida e Educação. *In*: SKLIAR, Carlos. **Derrida & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 9-33.

SÔNIA Guajajara. [s. l.], [2022]. Disponível em: <https://soniaguajajara.com.br/>. Acesso em: 02 dez. 2022.

SOUZA, Jovina. MANIFESTO FEMINISTA. *In*: REVISTA ACROBATA. **6 Poemas de Jovina Souza**, 26 jan. 2021. Disponível em:

<https://revistaacrobata.com.br/demetrios/poesia/6-poemas-de-jovina-souza/>. Acesso em: 29 nov. 2022.

SOUZA FILHO, Alípio. Foucault: o cuidado de si e a liberdade ou a liberdade é uma agonística. *In*: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M.; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio. (org.) **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 9-26.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

SPONGBERG, Mary. **Writing Women's History since the Renaissance**. Hampshire, Inglaterra: Palgrave, 2002.

STEINER, Rudolf. **Das Johannes-Evangelium**: ein Zyklus von zwölf Vorträgen gehalten in Hamburg vom 18. bis 31. Mai 1908. Dornach (Suíça): Rudolf Steiner-Nachlassverwaltung, 1955.

STEINER, Rudolf. **Verdade e Ciência**: prelúdio para uma Filosofia da Liberdade. São Paulo: Associação Pedagógica Rudolf Steiner, 1979.

STEINER, Rudolf. **Teosofia**: introdução ao conhecimento suprassensível do mundo e do destino humano. São Paulo: Antroposófica, 2004.

STEINER, Rudolf. **Filosofia da Liberdade**: fundamentos para uma filosofia moderna. São Paulo: Antroposófica, 2010.

STEINER, Rudolf. **A educação da criança**: segundo a ciência espiritual. São Paulo: Antroposófica, 2012.

STEINER, Rudolf. **A arte de educar baseada na compreensão do ser humano**. São Paulo: Antroposófica: Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2013a.

STEINER, Rudolf. **A prática pedagógica**: segundo conhecimento científico-espiritual do homem. São Paulo: Antroposófica: Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2013b.

STEINER, Rudolf. **Fundamentos da arte de educar**: valores anímicos-espirituais na Educação e na vida social: GA 305. São Paulo: Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2015a.

STEINER, Rudolf. **O estudo geral do homem**: uma base para a pedagogia. São Paulo: Antroposófica, 2015b. (A arte da educação, vol. 1)

STEINER, Rudolf. **Antropologia meditativa**: contribuição à prática pedagógica: quatro conferências proferidas em Stuttgart (Alemanha), de 15 a 22 de setembro de 1920. São Paulo: Antroposófica, 2016.

TEDESCO, Sílvia; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Sílvia. (org.) **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2016, p. 92-127.

TELLES, Norma. A escrita como prática de si. *In*: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 291-304.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. *In*: DEL PRIORI, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017, p. 401-442.

TRIVINHO, Eugênio Rondini; GAVALDÃO, Lilian Venturini. Atuação política e educação não-formal na cibercultura: a construção do sujeito tensional fora dos espaços institucionais da educação tradicional. **Comunicação & Educação**, v. 25, n. 2, p. 7-19, 2020.

VASCONCELOS, Silvane. C9 - Percursos e caminhos junto à terra em artes-manuais para terapias. [S. l.: s. n], 2022. 1 vídeo (51:15 min), son, color. Publicado pelo canal Nina Veiga. Disponível em: <https://youtu.be/uVd0BzBmdQ8>. Acesso em: 02 dez. 2022.

VEIGA, Ana Lygia Vieira Schill da. **Fiar a escrita**: Políticas de narratividade – exercícios e experimentações entre arte manual e escrita acadêmica. Um modo de existir em educações inspirado numa antroposofia da imanência. 2015. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2015.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VIOLÊNCIA contra mulheres aumenta no último ano; veja alguns canais em que é possível denunciar. Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Região, São Paulo, 26 set. 2022. Disponível em: <https://ww2.trt2.jus.br/noticias/noticias/noticia/violencia-contra-mulheres-aumenta-no-ultimo-ano-veja-alguns-canais-em-que-e-possivel-denunciar>. Acesso em: 18 nov. 2022.

WARSCHAUER, Cecília. A Roda e o Registro: uma parceria entre professores, alunos e conhecimento. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2017a.

WARSCHAUER, Cecília. Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2017b.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WOOLF, Virginia. **Profissão para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.

ZACARIA, Rafia. **Contra o feminismo branco**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

ANEXOS

ANEXO A – de escritas de alunas que dialogam com tudo o que está aqui

Os textos a seguir foram escritos por duas alunas do Travessias, que participam do curso *Provocações para escritas*, uma continuação para quem já passou pelo primeiro curso. Essas escritas vêm para o trabalho porque ambas dialogam com tudo aquilo que foi discutido ao longo do trabalho, parecendo ser uma resposta sincera e espontânea de como a criação desse território é fundamental. Ao mesmo tempo, esses textos mostram o quanto a conexão entre as mulheres – seja na ancestralidade, seja na horizontalidade – é algo fundamental na construção do território.

Para a aula desse encontro, eu propus que olhassem para os textos escritos ao longo do ano e escrevessem algo sobre essa revisão, apresentando a ideia de um espelho e observando o que estava ali refletivo. No dia do encontro em grupo, cada uma das pessoas presentes leu seu texto para o restante. O texto de Perses Canella, apresentado a seguir, mexeu demais com o grupo. Flávia Bali, que não havia conseguido escrever para o encontro, ao escutá-la, se sentiu afetada e percebeu o que tinha acontecido consigo, escrevendo, alguns dias depois, um texto em resposta ao escutado.

Texto de Perses Canellas

Releio o que escrevi durante este ano no curso *Provocações*. Me deparo sempre com textos curtos. Uma dificuldade imensa em passar para a escrita aquilo que penso e sinto. Há sempre um silêncio entre uma frase e outra, entre um parágrafo e outro. Não sei ao certo se a palavra é silêncio ou silenciamento.

Penso que carrego em mim todas as escritas, ou melhor, as não escritas das mulheres de minha família. Das minhas bisavós, que nada sabiam da leitura, o que dirá da escrita. Da minha avó, que aprendeu a ler sozinha e que escrevia muito pouco. Da minha mãe, que frequentou uma escola primária e passou a alfabetizar crianças do seu entorno, mas que só escrevia bilhetes e receitas de bolos.

Mulheres que aprenderam a respeitar, aceitar e cumprir tarefas. Respeitar os pais e os maridos, aceitar o destino e cumprir as tarefas de casa e cuidar dos filhos. Que nunca tiveram um teto todo seu, o que dirá um quarto para, nas noites escuras, pegar um papel e escrever aquilo que pensavam.

Essa é a minha herança de não escrita. Mas sigo me esforçando para fazer essa travessia. Busquei ao longo da minha vida e continuo resistindo e insistindo em escrever aquilo que me atravessa, mesmo que com textos curtos. E acreditando que, nas gerações futuras, as mulheres sejam donas suas vidas e de suas escritas.

Texto de Flávia Bali

Sofia propôs para o encerramento de "Provocações" do Travessias Textuais rever nossa produção ao longo dos oito meses e escrever a partir do que foi provocado. Relendo o que fiz passei por todos os sentimentos, do desgosto ao espanto. Mas não se formou uma imagem, não capturei o que havia de unidade ali. A fragmentação não serviu de estímulo. Estava cheia de mirabolâncias. Muito mentais. Acabei abandonando todas por falta de uma verdade que pudesse ser correnteza firme a carregar novas palavras. Fui pro encontro sem o texto, como fiz poucas vezes. Dessa vez tranquila. Talvez recusando o fim da oficina. Escutei as leituras, falei do que senti diante da tarefa e das mãos vazias...

Até que a Perses foi ler o que havia escrito. Conheci a Perses pelo computador, na oficina. É uma mulher negra e não mais mocinha, assim como eu. Não sei sua idade. Começou observando que se incomodava com seus textos curtos. Buscando um contorno para o fato de escrever o que julga pouco, chegou ao fato de ser mulher. Chegou à mulher silenciada desde sempre. Silenciada em sua voz, em sua escrita. Impedida de dizer. Muitas vezes de ser. Aí, enquanto lia, a Perses foi tomada de um choro súbito, mudo também. E o rosto dela estava fora do quadradinho, então, eu não podia vê-la. O choro, que a impediu de prosseguir com a leitura, fez morada em mim. Logo, éramos algumas mulheres num pranto contido como costumam ser contidas nossas coisas. Na Perses, uma mulher de gestos distintos e elegantes, a irrupção em pranto causou um efeito diferente. Solene. Me mudou.

A Perses foi, pra mim, naquela hora, o espelho que faltava pra formar uma unidade. Terminado o encontro resgatei minha tarefa e percebi que toda vez que chorei lendo meus textos na oficina era também tentando dizer de ser mulher. Percebi que a escrita daqueles oito meses é a busca de um lugar, um território pra existir. Percebi que o que precisa ser dito por nós, mulheres, é muito difícil. Que o silêncio que já se faz em nós, que nos constitui, que recai sobre o nome de nosso sexo, que se reveste de vergonha e autoexigência – esse silêncio só se quebra aos soluços.

Percebi que cada linha que escrevo deseja suspender o pacto, a mudez. A mudez que paira sobre as vozes (leia mais mulheres), sobre abraços, decotes... Sobre o balanço sensual das nossas ancas... Através de seu pranto silencioso e sem rosto, Perses, percebi que o útero que gera minha escrita é algo que está além de mim e que só me foi acessível pela emoção de uma outra pessoa, que me emprestou sua dor para que eu tentasse me ver.

ANEXO B – Breve discussão com Virginia Woolf¹

Trago para cá um texto pessoal, escrito em um blog, em 2021, quando terminei a leitura de *Um teto todo seu* e estávamos no auge da pandemia. Isolada, com o marido morando em outra cidade, cuidando de dois filhos, trabalhando, era o incômodo apontado por Cecília Meireles e por Clarice Lispector que me fizeram discutir com Virginia Woolf. Os incômodos trazidos no texto a seguir parecem dialogar com toda a história – e o peso dela – apresentada no Capítulo 2, Caderno 1, sendo resultado de um pensamento que não só atravessou a mim, mas outras mulheres que a leram, como pude escutar em algumas discussões acerca do livro de Virginia.

Abril de 2021

Termo de ler *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf². Essa mulher me arrancou a carne. Não, Virginia enfiou um dedo sujo no machucado inflamado do meu dedo anelar direito que estava quase sarando.

Fui dormir pensando que ela estava errada: não precisamos mais das 500 libras por ano e nem de um teto só nosso para escrever. Quer dizer, lógico que precisamos. Mas não podemos esperar que tenhamos isso tudo para começar a escrever. Antes de fechar os olhos, fui pesquisar a biografia de uma ou outra escritora. Não pode ser possível que ela esteja certa.

Hoje, quando acordei, o dedo estava, novamente, infeccionado e o meu peito doía. Queria sentar e chorar, queria provar que seu pensamento não nos serve mais. Sinto que preciso dessa comprovação como uma justificativa, mas não encontro. Começo a perceber que, talvez, ela tivesse razão. Seguro os lábios e as lágrimas, porque, caso se confirme, sinto que eu perderia meu sonhado lugar na literatura.

~~~~~

[Preciso respirar. Olho para meu contexto atual ~ e de outras tantas mulheres. Brasil, 2021 (ops, caiu meu band-aid enquanto escrevo e, agora, o machucado quer se encostar no papel). Voltando. Brasil, 2021, pandemia em seu pior momento, mulher, mãe solo, cuidando da casa, trabalhando home office.

---

<sup>1</sup> Texto originalmente escrito em abril de 2021, para o blog do site Travessias Textuais, intitulado “A escrita das mulheres do século XXI – Breve discussão com Virginia Woolf”. Disponível em: <https://www.travessias textuais.com/post/escrita-mulheres-seculo-xxi>

<sup>2</sup> Virginia WOOLF, 2014

Levanto e vou trocar o curativo.]

~~~~~

Decido fazer um caminho parecido com a de sua personagem Mary Beton ~ pesquisar. Continuo a busca da noite passada sobre a biografia de autoras famosas: eram casadas? tiveram filhos? quando começaram a escrever? ou quando começaram a viver de sua escrita? Vou enlouquecendo. Das mais antigas às mais contemporâneas, a maioria não teve filhos. daquelas que tiveram, boa parte começou a vida na literatura mais tarde. Uma ou outra conseguiu unir casa, filhos, maridos. Vou encolhendo.

Recorro a uma amiga. Preciso desse colo. Ela me lembra de matar o Anjo do Lar. Tenho dificuldade em entender: como matar o Anjo e não abandonar os filhos? Como matar o Anjo e não escravizar outra mulher que cuide da casa para mim? Quero afirmar a potência desse lugar casa-mãe-vida doméstica sem ser oprimida por ele. Mas será que é possível? O que não estou entendendo?

~~~~~

[Há três anos, eu encerrava meu livro dizendo de como nós, mulheres, produzimos no “entre” ~ entre o almoço e o lanche, entre uma mamada e outra, entre a roupa lavada e a preparação da janta. A mulher da banca do meu TCC, em que meu livro foi apresentado, se irritou: “você defende o lugar de uma mulher submissa”. Não. Eu não defendo. Eu aponto. Eu afirmo outro lugar dentro dele mesmo. É diferente.]

~~~~~

Volto ao livro.

Virginia é genial. Ela não nos diz para não escrevermos. Ela não nos diz para descolarmos da realidade. Ao contrário: é a partir daí que ela recomenda nossa escrita. Seu texto nos prega uma peça [fui interrompida pela 3ª vez por uma criança e perco a linha de raciocínio]. Seu texto nos prega uma peça ao nos dar a impressão de que somente com uma porta trancada conseguiríamos escrever; entretanto, ao final do livro, percebemos que não é exatamente isso que ela está dizendo. Fico confusa.

Tudo me dói por dezenas de motivos.

~~~~~

[A minha personagem abandonada no caderno. O quanto quero mostrar às minhas alunas que elas podem escrever, sim. A falta de perspectiva de independência financeira. O comentário distraído de quem não sabe elogiar sem fazer uma crítica junto. O cenário atual do país, sem um horizonte animador. A casa caótica, com quase tudo por fazer. A incapacidade de trancar a porta e se esquecer de que sou mãe. Um nível de autoexigência arrebatador: “ainda que tenha sonhado, você jamais alcançará esse lugar na literatura”.]

~~~~~

[Como escrever ficção se preciso me levantar nesse momento e servir o almoço às crianças?]

~~~~~

[volto do almoço querendo escrever uma carta para Virginia]

~~~~~

Querida Virginia

Talvez, eu precise ler seu livro mais algumas vezes.

Começo a carta, me irrito e desisto.

~~~~~

[Não há somente as demandas da vida doméstica como interferência na escrita de uma mulher: há também os hormônios. Estou naquela fase do ciclo que, não importa o que eu produza, duvidarei de qualquer coisa vinda de mim.]

~~~~~

Não chego a nenhum lugar diferente do que ela nos traz. Na verdade, continuo com o mesmo sentimento ambíguo do começo do texto: não consigo concordar com ela e, ao mesmo tempo, sei o quanto ela está correta.

Talvez, o desafio da mulher que escreve no século XXI, para além da desconstrução que temos feito acerca da divisão das tarefas domésticas e da criação dos filhos, seja afirmar a possibilidade de uma escrita a partir de lugares que, há 100 anos, seriam inimagináveis.

Escrever a partir da casa ~ para aquelas que sentirem ~, com suas demandas. Escrever a partir de si, não importando quão rica ou pobre somos. Escrever no lugar da possibilidade, afirmando todas as nossas angústias, limitações e potências.

~~~~~

[não sei se foi a troca do curativo, a pomada, mas o dedo parou de latejar. até secou.]

~~~~~

Engraçado. Acabo o texto com a sensação de que foi exatamente isso o que ela nos disse sobre as mulheres do nosso século. Parece, afinal, que Virginia estava, de certo modo, certa e de que há, sim, um lugar para nós na literatura, mesmo que não ganhemos 500 libras por ano e não tenhamos, ainda, um teto só nosso.



